REVISTA LITERÁRIA U. E. JOSÉ RUFINO BORGES

ANO 5 /2024 PORTO FRANCO /MA

As Estações



Paulo André Catucá

UNIDADE EDUCACIONAL JÓSE RUFINO BORGES

PROJETO LITERÁRIO - O DESAFIO DE OLHAR PARA NOVOS HORIZONTES

PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO FRANCO - MA
DEOCLIDES ANTÔNIO SANTOS NETO MACEDO

VICE - PREFEITA MUNICIPAL DE PORTO FRANCO - MA
IVANA BRITO DE ABREU

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
NEURIVALDO FRANCISCO ARAÚJO

SECRETÁRIA-ADJUNTA DE EDUCAÇÃO
ENEI MOTA DE AGUIAR

DIRETORA DE ENSINO - SEMED
IVONE RIBEIRO DE SOUSA MOTA

COORDENADORA DA ZONA RURAL
VANDIRLENE DA ROCHA MARINHO

DIRETORA DA ESCOLA E COORDENADORA DO PROJETO
KAREN DE ALMEIDA E OLIVEIRA

COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA E PROFESSORA COLABORADORA
ALANA CHAVES DOS SANTOS

PROFESSORES COLABORADORES
GEOVANE ALVES DO CARMO
VITOR HUGO MARTINS DE OLIVEIRA



1. Editorial..... 03

2. Conto de terror..... 07

3. Poema visual..... 20

4. Fábula.....24

5. Conto de humor.....30

6. História em quadrinho.....42



EDITORIAL

Rios de Inspiração: Expandindo Horizontes através da Literatura

Karen de Oliveira

Segundo a filosofia de Heráclito, "ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou". Tanto os alunos quanto eu aprendemos a cada ano e essa experiência se torna mais visível a cada nova edição da revista.

O projeto "O desafio de olhar para novos horizontes" nunca se mostrou tão eficiente como um poderoso processo de transformação do desenvolvimento pessoal, fruto de uma constante evolução de pensamentos, olhares e conversas, não se trata apenas de registro ordenado de ideias, mas do amadurecimento de cada um dos envolvidos.

Convido o leitor a fazer parte dessa transformação. Ao folhear cada página, não encontrará apenas palavras, mas fragmentos de vidas, sentimentos e perspectivas que, assim como ele, buscam expandir horizontes. Cada texto é um convite para que o leitor se aproxime, se veja, e talvez até se reconheça nas histórias e pensamentos aqui presentes.

Conforme navegamos por este 'rio' de ideias e emoções, somos lembrados de que nossa transformação nunca é solitária: ela acontece no encontro com o outro. Cada leitor, ao entrar em contato com as palavras e vivências compartilhadas aqui, se torna também parte deste fluxo, um ponto de ligação entre o passado, o presente e o que ainda está por vir. Que cada página seja um espaço de conexão, descoberta e deleite, onde todos possam encon-

trar algo que o inspire a seguir adiante com uma visão mais ampla e um coração mais aberto.

Minha primeira experiência com este projeto trouxe uma lição inesperada: nem sempre as pessoas compartilham da mesma visão e comprometimento. Esse desafio inicial me mostrou a importância de encontrar um equilíbrio entre expectativas e realidades diversas. Em meio a essa descoberta, compreendi que, para que o projeto realmente abrangesse todos os alunos, eu precisaria assumir todas as aulas de Língua Portuguesa, assegurando que cada estudante pudesse participar e contribuir de maneira significativa.

Minha segunda experiência com o projeto foi marcada por uma descoberta transformadora. Minha colega de trabalho e amiga, Alana Chaves, me apresentou ao ChatGPT e suas inúmeras funcionalidades, o que despertou meu interesse pelas possibilidades de integração dessa tecnologia no projeto. Vendo o potencial da ferramenta, decidi apresentá-la aos alunos, especialmente em um momento em que estavam enfrentando dificuldades para encontrar inspiração para um tema de poema visual.

A introdução do ChatGPT não só estimulou a criatividade, mas também mostrou aos alunos que novas tecnologias podem ser aliadas poderosas na exploração do potencial artístico e literário. Foi inspirador observar como eles interagiram com a ferramenta, que trouxe uma nova dimensão ao processo de criação. Desde a sugestão de ideias, passando pela revisão dos textos, até a criação de imagens baseadas em suas próprias palavras, o ChatGPT se tornou um verdadeiro parceiro criativo.

Outros dois grandes momentos impactantes foram proporcionados pela secretária adjunta de educação, Enei Mota, amiga e grande incentivadora deste projeto. O primeiro foi ao levar nosso trabalho até a capital, São Luís, apresentando-o como exemplo de prática pedagógica adotada no muni-

cípio. Esse reconhecimento foi motivo de grande orgulho para todos da escola, reforçando a importância do nosso esforço e dedicação.

O segundo momento foi ainda mais especial: sua indicação para que eu me tornasse membro fundador da Academia de Letras e Artes de Porto Franco (ALAPOFRAN). Esse convite não só representou um reconhecimento pessoal, mas também abriu um espaço para que o projeto ganhasse novas dimensões, conectando-o ao movimento cultural e literário da nossa região.

Esse convite foi um marco que deixou não só a mim, mas também a todos da escola, amigos e família orgulhosos. Ver um trabalho despretensioso ganhar proporções tão significativas e me tornar uma 'Imortal' como integrante da Comissão de Assuntos Escolares da academia é uma honra que jamais imaginei alcançar. Esse reconhecimento reafirma a importância de acreditar na educação como uma força transformadora e no poder das ideias que, mesmo começando pequenas, podem florescer e impactar muitas vidas.



Esta revista é uma celebração do que somos e do que podemos nos tornar. Ao concluir esta edição, reafirmo o compromisso de continuar construindo espaços onde a expressão e o aprendizado caminham juntos, onde cada aluno tem a oportunidade de se encontrar e de crescer. Que cada edição seja um reflexo da coragem de olhar para novos horizontes e do prazer de descobrir que, assim como um rio, o processo de aprendizado está sempre em movimento e transformação.

CONTO DE TERROR

A sanguinária guerra: Caninos X Garras

Ana Vitória Bezerra, Paulo André Catucá & Raquel Limeira

Há cerca de cinco séculos, ocorreu uma guerra que quase extinguiu vampiros e lobisomens, que, na época, estavam concentrados principalmente na Europa. Tudo começou com a filha do líder dos lobisomens. Mimada e protegida pelo pai, ela era rebelde, indisciplinada e desrespeitava as regras de convivência entre as criaturas e os humanos. Seu pai, sempre negligente em relação às suas atitudes, limitava-se a dar-lhe leves repreensões. Enquanto outros membros do clã eram mortos ou expulsos por condutas semelhantes, ela cresceu segura de que suas “travessuras” não lhe trariam consequências sérias.



Esse excesso de confiança, aliado ao tédio, levou-a, junto com seus amigos, a iniciar uma onda de ataques indiscriminados por pura diversão. O grupo espalhou sangue e terror por Paris, deixando os parisienses em pânico. O caos foi tão grande que chamou a atenção dos caçadores de demônios, homens comuns que conheciam a existência das criaturas e eram hábeis em exterminá-las. Eles tinham o papel de manter o equilíbrio entre os mundos dos humanos e dos monstros.

Os vampiros não gostaram nada da situação, pois temiam que tam-

bém fossem caçados e mortos. O líder dos vampiros tentou conversar pacificamente com o líder dos lobisomens para controlar os baderneiros, evitando que todos sofressem as consequências. No entanto, o pai lobisomem não tinha mais controle sobre sua filha e não estava disposto a puni-la severamente. Revoltados com a inércia dos lobisomens, os vampiros decidiram enfrentar o grupo à força, matando todos os seus membros. Esse foi o estopim da Grande Guerra.

Sabendo que os lobisomens planejavam atacar, o grupo se preparou com armas, espadas de prata, balas de prata e fuzis. Ao chegarem ao local do confronto, encontraram um cenário aterrorizante: pessoas correndo, algumas feridas, outras decapitadas. Quando os dois líderes se encontraram frente a frente, deram o grito de guerra, iniciando o confronto. Aqueles com menos habilidades foram mortos rapidamente, enquanto vampiros e lobisomens, dominados pela sede de vingança, lutaram até o fim, indiferentes à própria sobrevivência. Ao final, os caçadores mataram um a um os que restaram feridos.



Após a guerra, os sobreviventes reconheceram a necessidade de estabelecer um conselho. Apenas sete dos grandes clãs restantes assumiram o papel de representação. Esses eram os clãs mais antigos, poderosos e tradicionais. Sempre que surgia um problema, eles se reuniam com o conselho oposto para resolvê-lo, evitando uma nova guerra, que seria prejudicial para ambos os lados. As decisões do conselho deveriam ser seguidas por todos; quem desobedecesse era morto. Cada clã se estabeleceu em diferentes regiões do mundo: a família Carvalho no Brasil, a família Ferrara na Itália, a família Smith na Austrália, a família Hernandez no Canadá, a família Doshi na Índia, a família Akelly no Egito e a família Young no Panamá.

Os caçadores de demônios eram considerados extremamente perigosos, pois conheciam as fraquezas de cada criatura. Vampiros podiam ser

mortos por adagas banhadas em cinzas de carvalho branco, exposição à luz solar, sal e areia. Já os lobisomens eram vulneráveis a balas e espadas de prata, ou qualquer objeto que contivesse prata. Para se alimentarem, os vampiros costumavam adquirir bolsas de sangue em hospitais, enquanto os lobisomens caçavam animais e, às vezes, humanos. O objetivo das criaturas era viver discretamente entre os humanos, sem serem descobertas.



Em uma noite, Anna Vittória, uma loba, estava caçando para manter a tradição. Ela era uma figura reservada, observadora e discreta, conhecida por sua justiça. Diferente de sua família, ela preferia alimentar-se de animais e evitava matar vampiros ou humanos.

Enquanto caçava próximo ao Lago Vêneto, Anna Vittória avistou um homem se banhando e, intrigada, começou a observá-lo. Ele era charmoso, alto, musculoso, e ela rapidamente reconheceu o cheiro de vampiro que emanava dele. Apesar da distância, Anna continuou a observá-lo. Ela viu o vampiro abraçar uma mulher humana que parecia ser sua amiga e se surpreendeu, pois achava que vampiros não costumavam ter esse tipo de contato com humanos.



Paolo, um vampiro já bastante experiente, tinha grande autocontrole em relação à sua sede de sangue. Ele era curioso e interessado em tudo o que acontecia ao seu redor. Tinha uma amiga humana, embora ela nem desconfiasse de sua verdadeira natureza, acreditando que vampiros eram apenas histórias de ficção. Paolo, muitas vezes entediado com a monotonia, ansiava por novas aventuras e começou a socializar com humanos. Gostava de apreciá-los pelo que eram, e não como alimento.

Enquanto se banhava na margem do lago, Paolo percebeu o cheiro de Anna Vittória. Ao se vestir, ele disse: “Vai ficar só observando ou vai descer para conversar?” Anna estava escondida em uma árvore e, ao ouvir isso, saltou para a frente dele. Quando Paolo a viu de perto, ficou encantado com sua beleza. Ao se aproximar, notou pelos olhos cor de mel dela que ela não consumia carne humana, pois quem se alimentava de humanos tinha olhos vermelhos. Sob o brilho da lua cheia, os olhos de Anna destacavam-se, fascinando Paolo.



Alguns dias se passaram, mas Paolo não conseguia tirar Anna Vittória da mente e estava determinado a se aproximar dela. Como frequentavam o mesmo jardim, o Gardini Peale, ele sentiu o cheiro dela e foi ao seu encontro. No início, Anna era resistente, mas aos poucos começou a abrir-se, e eles se tornaram grandes amigos. O jardim passou a ser seu local secreto de encontros, pois ambos sabiam que a amizade entre vampiros e lobisomens poderia gerar problemas. Mesmo que os clãs se tolerassem, a rivalidade permanecia forte.

Durante um desses encontros, enquanto conversavam, Paolo, tomado pela paixão, não resistiu e roubou-lhe um beijo, surpreendendo Anna. Eles se entreolharam em silêncio, ambos tomados por uma emoção intensa.

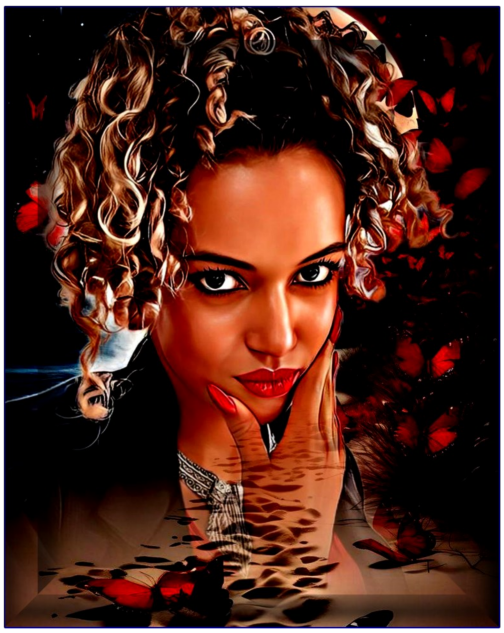
Após o beijo, Anna sentiu uma grande emoção, mas também um aperto no peito ao lembrar-se da aversão que sua família tinha pelos vampiros. Mesmo assim, o amor que ela sentia por Paolo era inexplicável, e ela começou a ceder àquele irresistível vampiro de olhos azuis.

Com o tempo, essa paixão se transformou em um amor profundo,

mas ambos sabiam dos perigos que corriam. Seus encontros continuaram sendo escondidos no Gardini Peale. Para Paolo, estava cada vez mais difícil esconder seus sentimentos. Antes focado e sério, agora estava sorridente e distraído. Kiara, sua melhor amiga, começou a desconfiar. Paolo sempre confiara nela, mas agora estava mais fechado e saía quase todas as noites sem chamá-la, deixando Kiara preocupada e, ao mesmo tempo, chateada.

Diferente dos lobisomens, que tinham laços de sangue pois podiam procriar, os vampiros não possuíam vínculos familiares. Suas famílias eram formadas por afinidade, lideradas pelos vampiros mais velhos, aqueles com maior conhecimento sobre o mundo. Vampiros recém-transformados precisavam ganhar maturidade antes de alcançar posições de prestígio, e quanto mais tempo permaneciam no clã, mais poder e influência adquiriam.

Para se tornar um vampiro, era necessário ser mordido pelo mais velho do clã. A partir do momento da transformação, o novo membro tinha a obrigação de obedecer ao líder e cumprir todas as suas ordens. A transformação era definitiva, e sair do clã era estritamente proibido; qualquer tentativa de fuga era punida com a morte. Os generais do clã eram responsáveis por determinar a posição dos novatos.



Kiara, ao contrário de Paolo, que cultivava uma amizade com uma loba, era mais fechada e não entendia o amigo. Para ela, os vampiros eram superiores aos lobisomens e não precisavam se relacionar com humanos ou outras criaturas. Embora não compreendesse as decisões de Paolo, Kiara as aceitava. Ela nutria uma paixão secreta por ele e fazia tudo ao seu alcance para vê-lo feliz, ignorando erros e comportamentos que poderiam causar problemas ao clã.

Apesar de seu temperamento explosivo, Kiara era leal a Paolo e

ao clã. Diferente dos outros vampiros, que eram transformados por alguém da família, Kiara foi uma exceção. Em uma noite, Paolo encontrou Kiara sendo brutalmente atacada por caçadores. Ela estava amarrada com correntes de prata de oito centímetros de espessura, à mercê do nascer do sol. Sem hesitar, Paolo a salvou, sem perguntar a qual clã ela pertencia. Como filho do chefe, ele usou sua influência para integrá-la ao clã. Antes disso, Kiara havia sido transformada e abandonada, precisando aprender a sobreviver sozinha, enfrentando desprezo e humilhações. Esse passado traumático a tornara uma pessoa amarga, incapaz de demonstrar afeto, desconfiando de todos ao seu redor.

Quando Kiara estava presa, amarrada pelas correntes de prata e resignada com a proximidade do fim, Paolo apareceu e a salvou. Esse ato conquistou sua lealdade eterna, pois ele foi o único que a compreendeu e lhe estendeu a mão em seu momento mais sombrio. Paolo cuidou dela, o que fez com que ele conquistasse seu coração. Porém, Kiara não desejava um romance; para ela, estar ao seu lado e garantir seu bem-estar era o suficiente, fosse qual fosse o rumo que a relação tomasse.

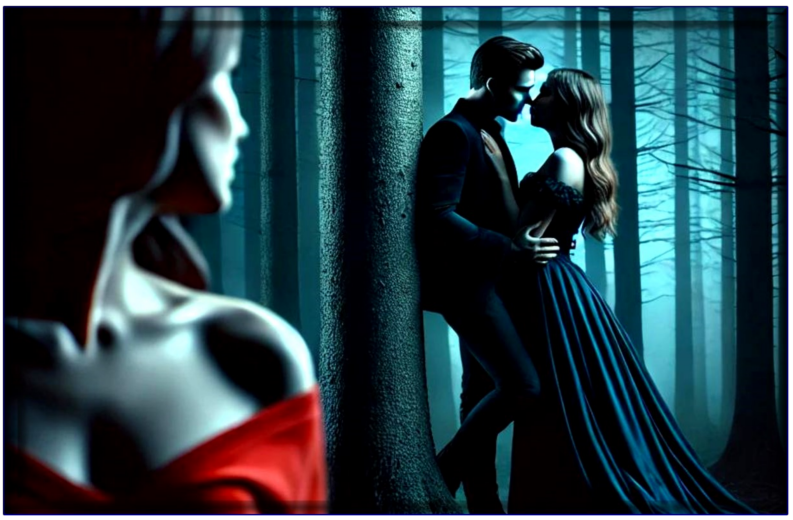
Ultimamente, Kiara estava preocupada com Paolo, que agia de forma estranha e distante. Decidida a descobrir o que estava acontecendo, ela começou a observá-lo. Kiara era extremamente forte, uma guerreira habilidosa e corajosa, que se tornara uma verdadeira durona por conta das dificuldades que enfrentou no início de sua vida.

Certa noite, enquanto estava no alto de uma sacada, Kiara viu Paolo, desconfiado, dirigindo-se ao jardim Gardini Peale. Antecipando-se, ela o seguiu, determinada a descobrir o que ele escondia. Ao chegar ao jardim, Kiara percebeu que o lugar parecia ser um ponto de encontro secreto. Ela continuou observando, oculta nas sombras, pronta para desvendar o mistério.

Kiara sentiu um cheiro estranho e entrou em alerta. Logo percebeu que era um cheiro familiar, e, conforme se aproximava, o aroma ficava mais intenso. Os pelos de sua nuca se arrepiaram, um calafrio percorreu sua

espinha, e um frio tomou seu estômago. Suas mãos começaram a suar, e seu coração acelerou. "Por essa eu não esperava", pensou.

o ver Anna Vittória se aproximando, Kiara parou, observando a cena do seu amigo Paolo, iluminado pela luz da lua cheia, beijando a loba. Em choque e tomada pelo ciúmes, Kiara murmurou para si mesma: "Isso é muito pior do que eu imaginava." Ela olhou além da cena romântica, vendo o risco de uma guerra iminente e temendo que Paolo pudesse ser caçado por essa escolha. Sentindo o peso de tudo o que essa relação representava, uma lágrima solitária desceu por seu rosto.



pesar disso, Kiara não se deixou abater. Embora o visse como um irmão, seu instinto protetor falou mais alto. Limpou a lágrima do rosto e, decidida, afastou-se dali. Em seguida, descarregou sua frustração socando uma árvore até derrubá-la. Sentou-se em um tronco caído, tentando entender como deveria agir. Com um nó na garganta, ela suspirava, pensativa, até que Paolo se aproximou. Ao ver seu olhar de raiva, ele comentou: "Deu ruim."

aolo explicou a situação a Kiara, que compreendeu que ele não podia controlar seus sentimentos. Ela sabia que ninguém escolhe por quem se apaixona e, apesar de entender o amigo, ambos estavam cientes das consequências. Essa relação poderia desencadear uma guerra, não apenas entre clãs, mas algo que abalaria o mundo inteiro, provocando a ira de vampiros e lobisomens, já que era proibido para as duas espécies se misturarem.

om seus quinhentos anos, Paolo estava cansado de viver sempre a mesma rotina. Quando conheceu Anna Vittória, sentiu que, finalmente, tinha um motivo para viver. A presença dela era como um renascimento, uma

inspiração para acordar todos os dias. Ao ouvir isso, Kiara o apoiou.

Então, ela perguntou se esse sentimento era algo momentâneo ou realmente sério. Paolo, tomado por um amor inexplicável, afirmou que era a coisa mais séria que já havia sentido. Kiara, então, perguntou se Anna Vittória sentia o mesmo por ele. Paolo admitiu que ainda não tivera coragem de perguntar. Kiara o encorajou, dizendo que ele precisava conversar com Anna para esclarecer a situação. Depois de alguns dias de hesitação, Kiara foi até ele e disse: "Tem que ser hoje."



Paolo marcou um encontro com Anna Vittória para terem essa conversa importante. Ao se encontrarem, ela rapidamente percebeu que ele queria discutir algo sério. Paolo perguntou como ela enxergava o relacionamento deles — se era algo passageiro ou se era para sempre. Anna respondeu que era para sempre e que enfrentaria qualquer coisa pela felicidade dos dois. Ele também perguntou se ela havia contado sobre eles para alguém, e ela respondeu que não. Paolo, então, revelou que Kiara, sua melhor amiga, sabia, e os três começaram a planejar uma fuga para outro continente.

Decidiram partir para Yakutsk, uma cidade isolada na Sibéria, Rússia. Escolheram uma propriedade rural afastada da cidade, pois o frio intenso e o difícil acesso os protegeriam de olhares curiosos. Durante o inverno, a neve era tão densa que impossibilitava o tráfego de carros em algumas áreas, o que os levou a planejar a compra de um snow quad para alcançar a casa com mais segurança.

Após algumas noites, eles combinaram de se encontrar novamente. Um vampiro de alta patente, desconfiado das frequentes saídas de Paolo e Kiara, resolveu segui-los. Alguns minutos depois, Kiara percebeu a presença do

observador e deu um sinal para Paolo. Ele rapidamente segurou a mão de Anna Vittória, e os três correram para uma Lamborghini com vidros antirreflexo, onde Kiara assumiu o volante. O vampiro voltou ao clã para avisá-los, e, pouco depois, vários vampiros começaram a persegui-los, atirando nos pneus do carro na tentativa de fazê-lo capotar. No entanto, os tiros não acertaram.

Kiara avistou uma ponte, chamada "Digli Scalz", que estava se abrindo, e acelerou, usando a ponte como rampa. A Lamborghini subiu pela ponte inclinada, enquanto os vampiros ficaram para trás, impedidos de continuar pela abertura da ponte. Finalmente, Paolo, Anna e Kiara continuaram sua viagem de Veneza à Rússia, uma distância de 2.545 km, prontos para começar uma nova vida em Yakutsk.

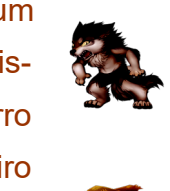
Durante a viagem, os três só pararam para se alimentar e abastecer o carro. Após cinco dias e cinco noites na estrada, chegaram à Hungria. Até então, tudo estava tranquilo, sem perseguições. No entanto, ao entrarem no país, foram vistos e reconhecidos — afinal, estavam sendo procurados. Logo foram notificados sobre sua presença na divisa entre a Hungria e a Ucrânia. Ao chegarem a Leolpe, depararam-se com uma barricada feita por lobisomens. Kiara viu três carros à frente e mais cinco logo atrás. À direita, havia uma floresta; à esquerda, uma plantação de milho.

Sem hesitar, Kiara desviou o carro em direção ao milharal, mas logo o veículo ficou impossibilitado de seguir. A única opção era abandoná-lo e lutar pela sobrevivência. Os três se posicionaram para o combate, com Kiara na frente por ser a mais experiente em lutas. De repente, um vampiro apareceu e tentou atacá-la, mas ela rapidamente o decapi-



tou. Kiara e Paolo estavam armados com facas, balas de prata e uma pistola metralhadora UZI.

Logo, um grupo de cinco lobisomens surgiu. Paolo perfurou o peito do primeiro, enquanto Anna Vittória enfrentava o segundo. Kiara rapidamente apunhalou o terceiro lobisomem no peito, torcendo a faca em direção ao coração, e fez o mesmo com o quarto. O quinto lobisomem, com uma adaga, atacou Anna Vittória, ferindo-a do ilíaco até a panturrilha. Kiara atirou em sua cabeça, mas Anna, gravemente ferida, perdeu mobilidade e sangrava muito. Pelo som do tiro, outros grupos estavam se aproximando, e não havia tempo para que Anna se curasse ali. Ela se apoiou nos amigos, e os três continuaram fugindo.

Após saírem da mata, avistaram um posto de gasolina com um carro estacionado. Eles se aproximaram e viram dois vampiros de costas, distantes um do outro. Kiara sugeriu que Paolo levasse Anna Vittória para o carro e esperasse na saída do posto. Ela, então, se esgueirou por trás do primeiro vampiro e o decapitou. O segundo vampiro percebeu e se virou, dizendo: “Ora, ora, se não é a bastarda traidora.” Eles começaram uma luta corporal; ele conseguiu lhe dar um soco, mas Kiara pegou a adaga com a qual Anna havia sido ferida e cortou sua jugular. Em seguida, ela voltou ao carro, onde Paolo e Anna a aguardavam, e seguiram viagem.




Após cinco horas na estrada, encontraram uma casa velha e afastada, onde decidiram descansar. No dia seguinte, Anna estava na janela e avistou um lobisomem se aproximando da casa. Ela avisou Paolo e Kiara imediatamente. Rapidamente, montaram um plano: Kiara saiu por um lado da casa e Paolo, pelo outro. O lobisomem, ao ver Paolo, se distraiu. Aproveitando a distração, Kiara sacou sua arma e deu um tiro na nuca do lobisomem. Eles se livraram do corpo, mas, ao examiná-lo, perceberam que ele usava um rastreador na orelha.




Ao encontrarem o celular do lobisomem, usaram a digital dele para desbloqueá-lo e descobriram que o local estava cercado por grupos de

lobisomens e vampiros. Sabendo que precisavam fugir imediatamente, Kiara decidiu explorar uma rota segura. Anna ainda se recuperava e precisava se alimentar, mas o risco era inevitável.

Os três se dirigiram a uma casa afastada, antiga, mas rodeada por altos muros. Kiara avaliou que, apesar da idade, a casa oferecia segurança. Decidida a proteger seus amigos, ela foi à frente para garantir um caminho seguro para Paolo e Anna. Durante essa missão, Kiara encontrou uma moto, que facilitava sua locomoção pelas ruas estreitas. À medida que avançava, ia orientando Paolo sobre o melhor caminho a seguir.

Durante o caminho, Kiara percebeu pelo retrovisor que estava sendo seguida. Para despistar o perseguidor, ela entrou em uma mata, mas não foi bem-sucedida. À sua direita, viu um morro e decidiu subir. Quando estava a cem metros do topo, começou a reduzir a velocidade; ao ver o lobisomem se aproximando, sacou a arma da cintura e atirou, conseguindo finalmente despistá-lo e continuando sua viagem.



Kiara avisou Paolo e chegou a uma cidade pequena, com pouca movimentação, calma e próxima ao destino. Paolo ligou, dizendo que estava a apenas vinte e cinco quilômetros de distância. Quando Kiara chegou à casa e desceu da moto, notou que metade dos clãs de lobisomens e vampiros estava lá, cercando-a. Vendo que sua única chance era entrar na casa, ela correu para dentro, trancou a porta e subiu rapidamente as escadas, ligando para Paolo. Assim que ele atendeu, os clãs invadiram, arrombando portas, escalando o teto e as janelas. Kiara falou com Paolo pela última vez, dizendo para ele não

voltar, pois estava rodeada pelos inimigos. Agradeceu a ele por todo o amor, apoio e amizade e por fazer sua existência valer a pena. Desejou-lhe felicidade ao lado de Anna Vittória. Antes que pudesse reagir, foi capturada e decapitada.

o ouvir a morte de Kiara pela ligação, Paolo parou o carro, sentindo o impacto da perda devido à proximidade que tinham. Desesperado, ele chorou, e um vampiro próximo murmurou:

— Você será o próximo, seu traidor!



aolo, tomado pela dor, voltou para o carro e decidiu seguir com Anna Vittória para o local mais distante possível, enquanto as lembranças de Kiara o atormentavam.

inalmente, sem saída e cientes do destino que os aguardava, Paolo e Anna Vittória pararam o carro. Paolo saiu, olhou para ela e perguntou se ela realmente o amava. Anna respondeu que sim, sem hesitar. Paolo então começou a caminhar em direção ao sol. Ao perceber o que ele pretendia, Anna Vittória saiu do carro, foi até o porta-malas, pegou uma arma e uma bala de prata, e correu em direção a ele. Quando ele estava prestes a sair das sombras das árvores, parou, pegou a mão de Anna, deu-lhe um último beijo e se moveu para a luz solar.

nquanto seu rosto começava a se decompor rapidamente, Anna o abraçou, com os olhos cheios de lágrimas. Ela olhou para ele uma última vez, sacou a arma e deu um tiro em sua cabeça, terminando seu sofrimento. Os dois caíram no chão do jardim, e, enquanto Paolo se desfazia em pó, Anna desabou ao seu lado, o amor deles selado em um último ato de coragem e sacrifício.

Séculos se passaram desde que Paolo e Anna Vittória desapareceram, deixando para trás apenas rumores e lendas. Nos círculos dos vampiros e lobisomens, suas histórias se tornaram um sussurro proibido, uma advertência sobre os perigos do amor entre espécies e sobre o preço pago por desafiar tradições antigas. As gerações futuras seriam ensinadas a temer e evitar qualquer sentimento que pudesse colocar o equilíbrio frágil entre os clãs em risco.

Entretanto, numa manhã fria, um viajante solitário atravessou o jardim onde Paolo e Anna Vittória se encontraram pela última vez. Encoberto pela névoa, o viajante se deparou com algo peculiar: no meio do campo onde Paolo pereceu, nascia uma pequena árvore, cujas folhas brilhavam com uma cor incomum, quase sobrenatural. Os habitantes da região começaram a chamar a árvore de "Árvore das Sombras" — um símbolo da união impossível entre um vampiro e uma loba, e um testemunho de sua coragem e sacrifício.

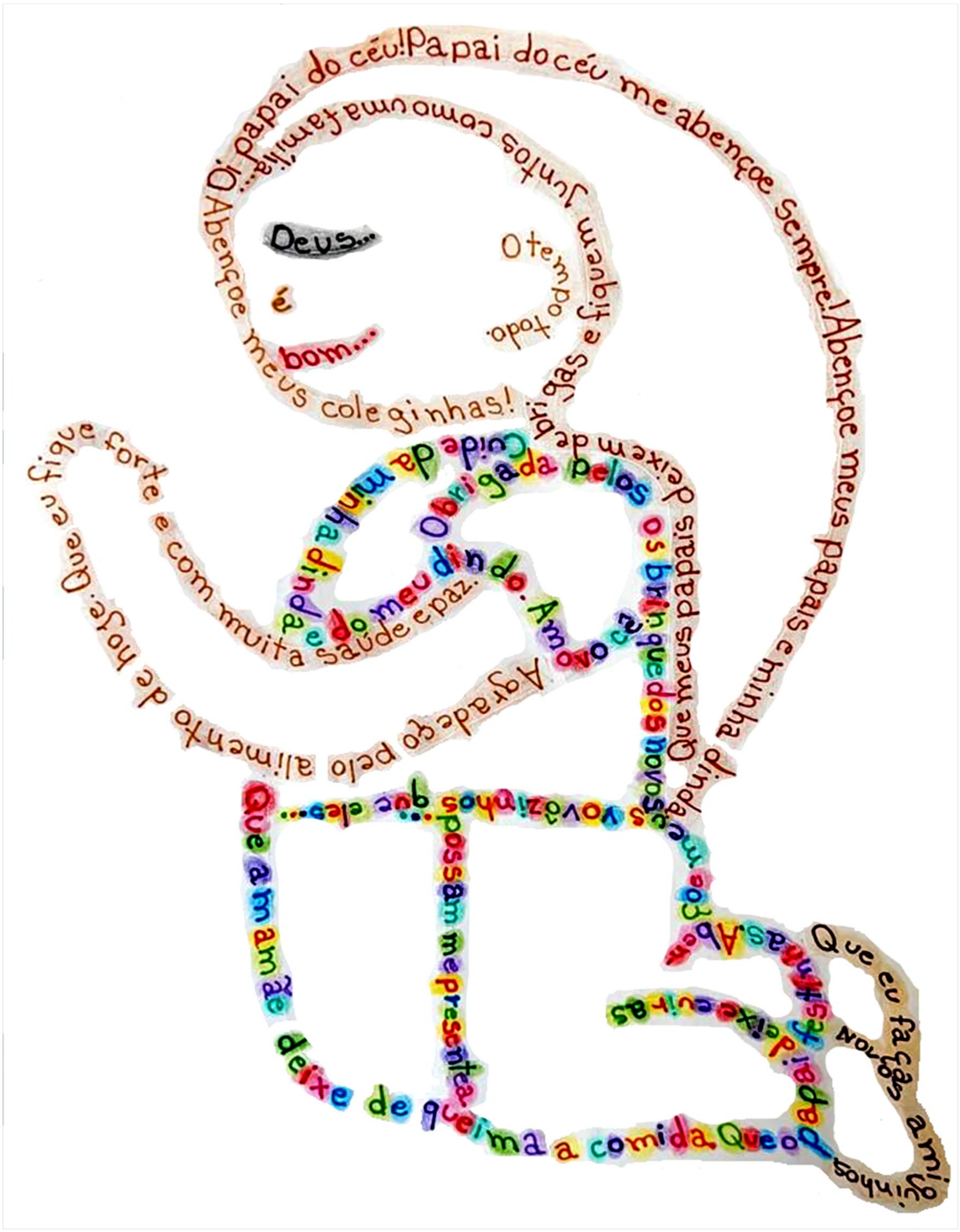
Dizem que, nas noites de lua cheia, se escuta uma melodia suave entre as folhas, como o eco de um amor que ultrapassou as barreiras do tempo e do ódio. E, para aqueles que se atrevem a escutar, há um consolo sutil: em algum lugar, além dos limites da vida e da morte, Paolo e Anna Vittória estão finalmente em paz, unidos para sempre.



POEMA VISUAL

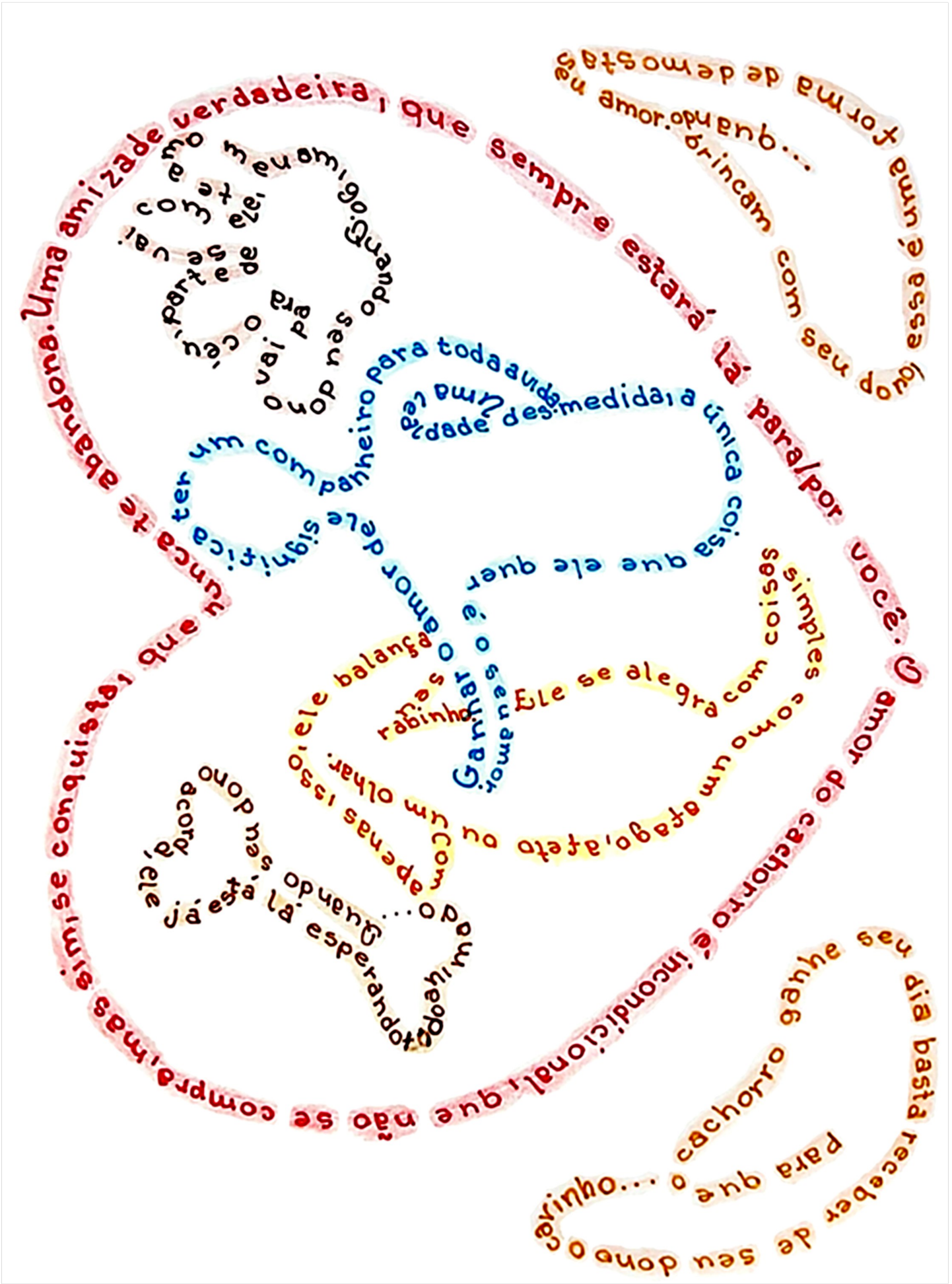
A alma em oração

Ana Vitória Bezerra, Isabella Sousa & Luan Nascimento



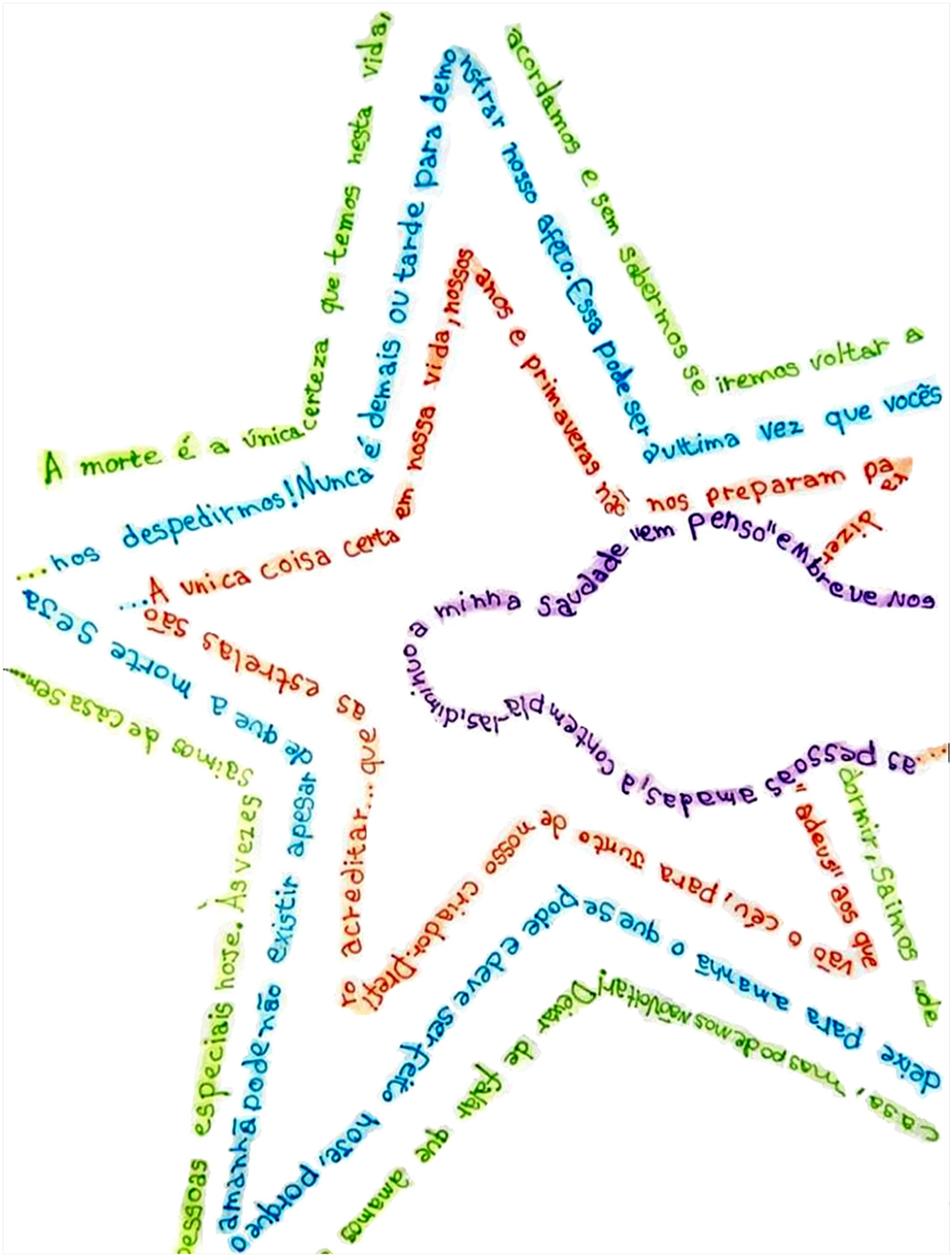
O amor é um rabo abanando

Maria Eduarda Catucá & Paulo André Catucá



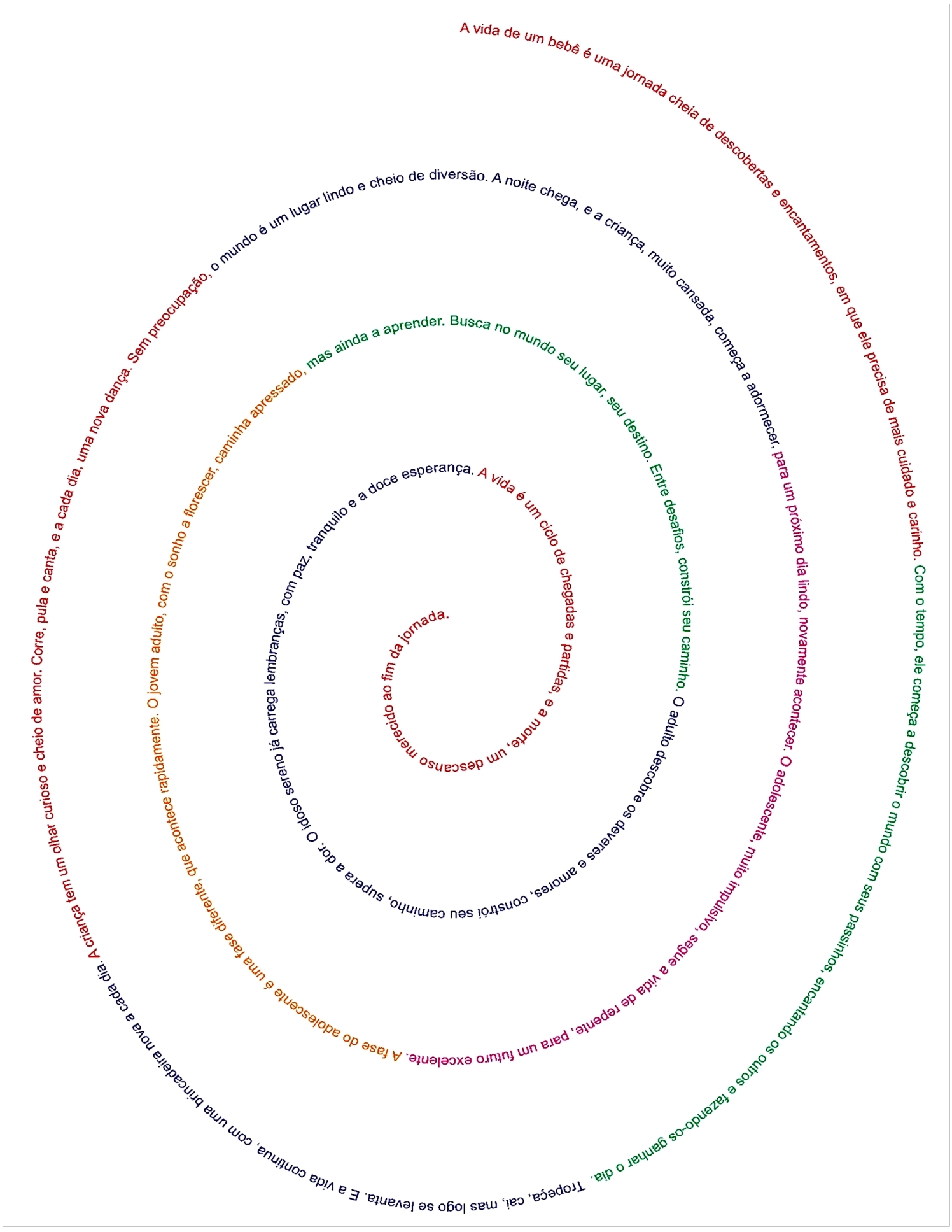
Céu despido: Vestígios de ausência

Cássio Nascimento, Maria Clara Marinho & Raquel Limeira



A Jornada da Vida

Lucas Bandeira





FÁBULA

A seca e as mentiras do lobo

Eduardo Catucá, Luan Nascimento & Yasmin Sousa

Há muitos anos, em uma floresta que sofria com uma grande seca, os rios estavam secando, as plantas morrendo, e os lobos da alcateia enfraqueciam a cada dia. Eles estavam desesperados para encontrar um lugar onde pudessem se alimentar, mas o caminho era incerto, com montanhas de gelo e perigos à frente. Diante disso, restavam duas opções: esperar por um milagre ou criar coragem para enfrentar uma jornada longa e arriscada.

Nessa mesma floresta, havia um jovem lobo chamado Laike, que tinha o costume de mentir e pregar peças nos outros lobos para se divertir. Ele gostava de ver o desespero dos seus companheiros, sem perceber as consequências de suas mentiras.

Certa vez, Laike mentiu para Luan, um lobo que tinha dois filhotes. Laike gritou: "Luan, tem dois ursos atacando sua toca!". Preocupado, Luan correu desesperado para proteger seus filhotes, mas ao chegar lá, não encontrou nenhum perigo, apenas Laike rindo de sua própria mentira.

Não satisfeito, Laike inventou outra história. Disse ao lobo Joãozinho que Yasmin, sua companheira, estava interessada em Luan. Furioso e acreditando na mentira, Joãozinho foi tirar satisfações com Luan, e os dois acabaram brigando. Quando Yasmin chegou e viu a situação, tentou separar os dois, e só então perceberam que era mais uma das mentiras de Laike.

Enquanto Laike se divertia com suas mentiras, a seca continuava. Os lobos ficaram tão fracos que não tinham forças para buscar um novo território, e com o tempo o medo de sair da floresta aumentava. Certo dia, Laike ouviu de um urubu sobre uma terra distante, cheia de rios e caça abundante. Animado com a notícia, ele correu até a alcateia e implorou que todos o acompanhassem até aquele lugar seguro. Mas ninguém acreditou nele, pois ele havia mentido tantas vezes que sua palavra não tinha mais valor.



Desesperado e sem escolha, Laike partiu sozinho em busca da terra prometida. Foi uma jornada longa e exaustiva, e ele chegou quase morto. No fim, Laike conseguiu sobreviver, mas estava solitário e arrependido, pois perdeu todos os amigos e a família que ficaram na floresta e morreram por não acreditar nele.

Moral da história: quem mente demais, mesmo quando diz a verdade, não é levado a sério. Laike aprendeu da pior maneira que a confiança, uma vez quebrada, pode ser difícil ou até impossível de recuperar.

A Aventura da Amizade

Isadora Soares, Kelvis Santos & Railson Silva

Em uma manhã ensolarada na fazenda, Toddy, o cão corajoso, Lessie, a ovelha sábia, e Ted, o coelho curioso, decidiram

aventura. Eles tinham ouvido de uma velha coruja que, ao final do riacho que cortava a fazenda, havia uma floresta mágica cheia de tesouros e maravilhas. Animados, os três amigos resolveram explorar o lugar juntos.

Enquanto caminhavam ao lado do riacho, Toddy, sempre vigilante, liderava o grupo, farejando o caminho. Lessie, que sabia muito sobre o mundo, contava histórias da floresta e advertia os amigos sobre os perigos. Ted, por outro lado, estava sempre pulando de um lado para o outro, entusiasmado e ansioso para descobrir novas coisas.

Ao chegarem à entrada da floresta, encontraram uma placa coberta de folhas que dizia: “Aqueles que têm coragem e amizade no coração podem entrar”. Os três trocaram olhares e entraram juntos, prontos para o que viesse.

A floresta era realmente mágica. Árvores gigantes com folhas brilhantes cobriam o céu, e pequenos animais observavam os visitantes curiosos. No entanto, logo os amigos se depararam com seu primeiro desafio: uma ponte de pedras que atravessava um rio turbulento. As pedras eram escorregadias, e era fácil cair.

Ted, que era leve e ágil, conseguiu pular de pedra em pedra, chegando ao outro lado rapidamente. Toddy, com seu tamanho, teve um pouco mais de dificuldade, mas conseguiu se equilibrar e atravessar. Já Lessie, sendo mais lenta, teve problemas e quase escorregou.

— Não se preocupe, Lessie! — disse Toddy, estendendo a pata. — Estou aqui para te ajudar.

Com a ajuda de Toddy e a orientação de Ted, Lessie conseguiu atravessar o rio com segurança. Eles seguiram em frente, sabendo

que sua amizade os tornava mais fortes.

Logo, encontraram uma caverna com uma luz dourada saindo de dentro. Curiosos, entraram e se depararam com uma árvore encantada cujas folhas brilhavam como ouro. Ao redor dela, várias pequenas pedras coloridas estavam espalhadas. A árvore falou em um tom suave:

— Vocês chegaram ao fim de sua aventura. O verdadeiro tesouro não são as pedras ao meu redor, mas a amizade que carregam em seus corações. Essas pedras simbolizam a coragem, a sabedoria e a curiosidade que trouxeram até aqui. Cada um pode pegar uma pedra, como lembrança de que juntos são mais fortes.



Toddy pegou uma pedra azul, simbolizando sua coragem; Lessie escolheu uma pedra verde, representando sua sabedoria; e Ted pegou uma pedra amarela, lembrando sua curiosidade e entusiasmo.

De volta à fazenda, os três amigos sabiam que haviam vivido algo especial. A partir daquele dia, sempre que olhavam para suas pedras, lembravam-se de que, unidos, poderiam enfrentar qualquer desafio.

Moral da história: a verdadeira aventura é aquela que vivemos com amigos ao nosso lado, pois a amizade nos torna mais fortes e corajosos para enfrentar qualquer obstáculo.

Casa Pequena, Grande Abrigo

Bianca Sousa & Guilherme Sousa

Era uma vez um tucano muito brincalhão, que adorava rir das coisas dos outros animais. Ele achava graça em tudo que via e, sempre que via alguém trabalhando duro ou fazendo algo que ele considerava estranho, caía na risada sem pensar nas consequências.

Um dia, enquanto passeava pela floresta, o tucano avistou um João-de-barro construindo sua casinha com cuidado. O João-de-barro carregava pedrinhas e barro no bico, montando sua casa na árvore com muita paciência e esforço. Mas, para o tucano, aquela cena era engraçada.

— Haha! Olha só você aí, todo sujo de barro e trabalhando tanto para uma casinha tão pequena! — riu o tucano, zombando do trabalho do João-de-barro.

João-de-barro, que era um pássaro trabalhador e sabia o valor do esforço, ignorou a risada do tucano e continuou construindo sua casa. Mas o tucano não parava de rir e foi embora contando para os outros animais como achava engraçado o jeito do João-de-barro.

Dias depois, uma grande tempestade atingiu a floresta. Ventos fortes e chuva caíam sem parar. O tucano, que vivia de galho em galho e não tinha uma casa, logo percebeu que precisava de abrigo. Ele tentou se proteger nas folhas, mas o vento as arrancava. Molhado e com frio, o tucano percebeu que precisava de ajuda.

Foi então que ele lembrou da casa do João-de-barro. Com

esperança, o tucano voou até a casa dele e, ao chegar, pediu para se abrigar.

— João-de-barro, você pode me ajudar? Não tenho onde me proteger dessa tempestade — implorou o tucano.



João-de-barro, com o coração generoso, abriu a porta de sua pequena casa e deixou o tucano entrar. Ali, protegido do vento e da chuva, o tucano percebeu o quanto o trabalho do João-de-barro era valioso e o quão errado ele estava em rir dele.

— Me desculpe por ter rido de você — disse o tucano, envergonhado. — Agora vejo como sua casa é segura e importante.

João-de-barro sorriu e respondeu:

— Todos nós temos nosso jeito de viver e nossas habilidades. O que importa é respeitar o esforço de cada um.

A partir desse dia, o tucano aprendeu a não rir dos outros e a valorizar o trabalho de cada animal. Ele percebeu que cada um tem sua maneira de viver e que não devemos julgar ou menosprezar o esforço alheio.

Moral da história: Cada um tem seu valor, e o esforço de todos merece respeito.

CONTO DE HUMOR



Noites de Sangue e Lua

Isabella Sousa & Maria Eduarda Catucá

Há cerca de cinco séculos, uma grande guerra entre vampiros e lobisomens eclodiu. Tudo começou com o filho de um dos líderes dos vampiros, um jovem mimado e rebelde. Por ser filho do líder, nunca era punido, mesmo quando suas atitudes levavam à morte de outros. Ele saía sempre ileso, desrespeitando todas as regras, e, junto com seus amigos, começou a matar pessoas apenas por diversão. As ruas de Londres ficaram cheias de padres jogando água benta na tentativa de conter a situação.

Com tantas mortes ocorrendo, caçadores começaram a ser atraídos para a cidade, o que trouxe uma atenção indesejada. Os lobisomens, incomodados com essa situação, tentaram dialogar com o líder dos vampiros. Sem resposta, decidiram que a única solução era exterminar todos eles. Sabendo que o ataque era iminente, o grupo de vampiros se preparou. Quando os lobisomens chegaram ao local combinado, encontraram os vampiros esperando por eles, usando panelas na cabeça e frigideiras nas mãos. O líder vampiro tentou dar o grito de guerra, mas, como estava rouco, o grito falhou. A luta começou, e os padres, ao verem a confusão, fugiram. Alguns vampiros e lobisomens aproveitaram para escapar junto com os padres, enquanto os restantes foram mortos entre si ou pelos caçadores que chegaram em seguida. Aqueles que fugiram junto com os padres foram os únicos a sobreviver.

Após a guerra, vampiros e lobisomens perceberam a necessidade de criar um grande conselho para cada clã que restava, com o objetivo de, em caso de problemas, todos os conselhos se reunirem para resolvê-los. Os clãs dos vampiros eram os Vacchiano, de Veneza; os Carvalho, do Brasil; e os Smith, da Austrália. Já os clãs dos lobisomens eram os Ferrara, de Veneza; os

Hernandez, do Canadá; e os Young, do Panamá. Aqueles que não seguissem as regras seriam exterminados.



Os caçadores de demônios eram pessoas que descobriram a existência de vampiros e lobisomens. Investigaram as fraquezas de ambos e descobriram que os vampiros morrem quando expostos ao sol, alho ou fogo, que os consomem completamente. Já os lobisomens eram vulneráveis à prata, pois qualquer objeto feito desse metal queimava sua pele ao contato. Apesar disso, os caçadores não conseguiam encontrá-los todos para exterminá-los completamente.



Essas famílias eram muito diferentes entre si. Os lobisomens possuíam laços de sangue, enquanto os vampiros não. Para eles, a família era formada com base em confiança mútua. Além disso, os recém-transformados e os mais velhos, que eram os líderes, detinham o poder de comando. Não era obrigatório ser mordido por um Vacchiano para entrar no clã, mas, uma vez dentro, não havia como sair, exceto pela morte.

Giullia era uma jovem extrovertida, embora um pouco atrapalhada e excêntrica, e também filha do líder dos vampiros da cidade de Veneza. Em uma tarde de outono, enquanto colhia amoras, um de seus aperitivos favoritos, ela avistou um rapaz saindo lentamente do Lago Lido. Ele tinha cerca de dois metros de altura, quase cem quilos de pura massa muscular e olhos azuis penetrantes. Giullia ficou encantada ao ver o rapaz. Ele se aproximou e se apresentou como Paolo. Em vez de responder normalmente, Giullia soltou um grunhido. Paolo, sem entender, tentou interagir novamente, mas ela respondeu do mesmo jeito.

Ao ver a cesta de amoras em suas mãos, Paolo achou que ela estava passando mal e tentou ajudá-la com uma manobra de desengasgamento. Ele



colocou as mãos em seu pescoço e a balançou de um lado para o outro, mas, percebendo que não funcionava, tampou o nariz dela com uma mão e, com a outra, segurou seu queixo, abrindo sua boca para soprar a distância. Com toda essa confusão, Giullia realmente passou mal e acabou desmaiando.

Paolo estava tomando banho quando percebeu que uma moça o observava. Ela começou a agir de maneira estranha, babando ao vê-lo. Paolo se aproximou de Giullia, pensando que ela passava mal. Quanto mais ele se aproximava, mais nervosa ela ficava, e ele só queria ajudá-la. Colocou as mãos acima do estômago dela, mas, ao pressionar, Giullia começou a perder o fôlego e ficou asfixiada. Ao vê-la ficando roxa, Paolo a sacudiu e, em desespero, tentou salvá-la fazendo respiração boca-a-boca. Porém, ao sentir o bafo insuportável de Paolo, Giullia desmaiou de verdade.



Quando acordou, viu o belo rapaz em cima dela e se encantou, pois jamais imaginara alguém tão bonito em seus sonhos. Paolo a ajudou a se levantar e perguntou se estava tudo bem, apresentando-se novamente como Paolo. Toda atrapalhada, ela respondeu com um "beijo", e ambos riram enquanto saíam de mãos dadas. Paolo notou que Giullia ainda estava zonza e deu um leve tapinha para ajudá-la a se concentrar. Ela então disse seu nome: Giullia. Assim, começaram uma bela amizade, encontrando-se todos os dias para conversar. Giullia, já apaixonada desde o dia em que se conheceram, tentou roubar um beijo. No entanto, de tão atrapalhada, eles acabaram batendo os dentes.

Após o beijo desajeitado, ficaram sem saber o que dizer. Giullia o convidou para um passeio em um novo parque da cidade, e ele aceitou de imediato. Alguns dias depois, chegou o tão esperado encontro. Foram muito bem

vestidos, e Giullia tinha uma grande esperança de que Paolo a pediria em namoro. Quando estavam na última volta da montanha-russa, ela decidiu tomar uma atitude, mas, de tão nervosa e tendo comido demais, acabou vomitando na roupa dele. O brinquedo parou, e eles desceram. Desajeitada, Giullia tentou limpar Paolo, mas só piorou a situação. Ele, com um sorriso, disse: “Não precisa se preocupar, limpo direitinho quando chegar em casa.” Depois, comprou um algodão-doce para os dois e, como já estava tarde, decidiram ir embora juntos.



Ao chegar em casa, Giullia ligou para sua melhor amiga, uma pessoa em quem confiava de olhos fechados, e disse: “Nossa, meu encontro foi um desastre, vomitei na roupa dele!” Sua amiga, ao ouvir isso, respondeu: “E como ele reagiu?” Giullia explicou: “Ah, ele disse que estava tudo bem.” As duas passaram quase a madrugada inteira conversando sobre como Paolo era bonito, atraente e musculoso, embora a amiga nunca tivesse visto Paolo. Mal sabia Fiorella que sua amiga estava apaixonada por um lobisomem.

Eles sabiam que poderiam estar correndo perigo e tinham medo de que suas famílias descobrissem o romance. Por isso, cada vez que se encontravam, escolhiam um ponto reservado em um jardim, onde podiam passar longos momentos a sós. Fiorella, a melhor amiga de Giullia, notou que ela andava muito alegre e animada. Giullia sempre compartilhava suas novidades com Fiorella, que se alegrava em ver a amiga tão feliz.

Fiorella era uma garota tão maluquinha quanto Giullia. Ela era muito gente boa, mas um tanto desatenta e vivia sorrindo para tudo. Sempre apoiava as ideias malucas de Giullia e, com o tempo, foi ficando ainda mais sem juízo do que já era. Pertencia ao clã dos Vacchiano e aceitava qualquer ideia que fizesse a amiga feliz.

Quando Giullia finalmente revelou que estava apaixonada por um lobisomem — ou “cachorro molhado”, como Fiorella gostava de chamar —, ela

aceitou a escolha da amiga, mesmo sem entender muito. Fiorella ainda não conhecia Paolo, mas sempre que Giullia queria se encontrar com ele, ela a encobria. Quando alguém perguntava por Giullia, Fiorella dizia que ela tinha ido ao mercado, à praça ou até ao shopping.

Quando Fiorella foi transformada em vampira, estava saindo de uma festa à noite. De repente, alguém pulou sobre ela, mordeu seu pescoço e a deixou para morrer. Procurando desesperadamente um lugar para se esconder, ela entrou em um beco, mas acabou se enroscando em uma armadilha e ficou pendurada de cabeça para baixo. Fiorella gritou o mais alto que podia, acordando toda a vizinhança, e as pessoas foram ver o que estava acontecendo.



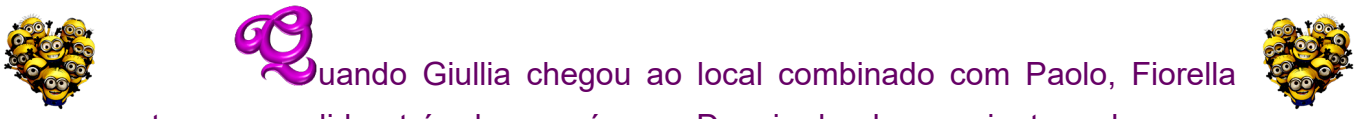
Giullia, que passava por ali, também correu para ver o tumulto. Ao se aproximar, viu que era Fiorella quem estava presa na armadilha, abandonada para morrer. Em meio a tantas pessoas, Giullia foi a única que teve coragem de se aproximar para ajudá-la. Ela a soltou da armadilha e a levou para sua casa, cuidando dela até que se recuperasse. Fiorella, profundamente grata, desenvolveu uma enorme confiança e lealdade por Giullia, e, com o passar do tempo, as duas se tornaram inseparáveis.

Fiorella começou a notar que Giullia estava mais afastada e já não compartilhava tudo como antes. Embora soubesse que a amiga estava feliz, Fiorella se preocupava, pensando que talvez tivesse feito algo que a afastasse.

Algumas semanas se passaram, e Fiorella percebeu que Giullia estava cada vez mais apaixonada por Paolo. Fiorella, que já fazia parte da família há muito tempo, conhecia bem sua amiga e notou que algo estava estranho nos



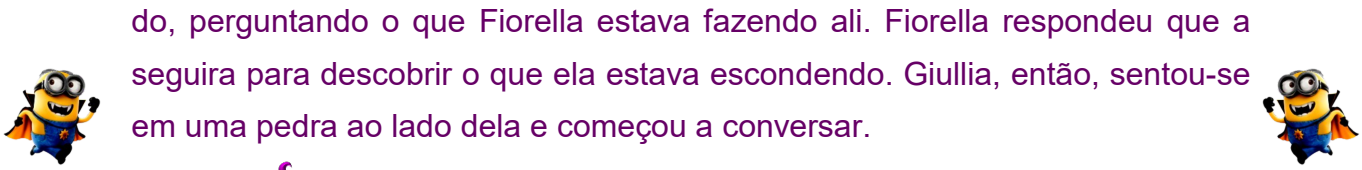
últimos dias, pois Giullia andava muito quieta. Decidida a descobrir o que estava acontecendo, Fiorella resolveu seguir Giullia discretamente. Uma noite, viu sua amiga sair escondida pela janela e a seguiu até um jardim não muito distante de sua casa.



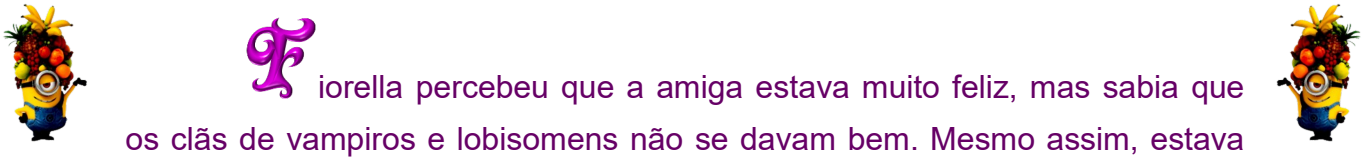
Quando Giullia chegou ao local combinado com Paolo, Fiorella estava escondida atrás de uma árvore. Depois de alguns minutos, ela começou a sentir um cheiro de "cachorro molhado" se aproximando. Por ser noite de lua cheia, Fiorella conseguiu ver a sombra de um rapaz alto. Ele se aproximou e beijou Giullia. Fiorella pensou consigo mesma: "Minha amiga está mandando ver, que cara gato!" Paolo ficou ali por mais algum tempo e depois foi embora.



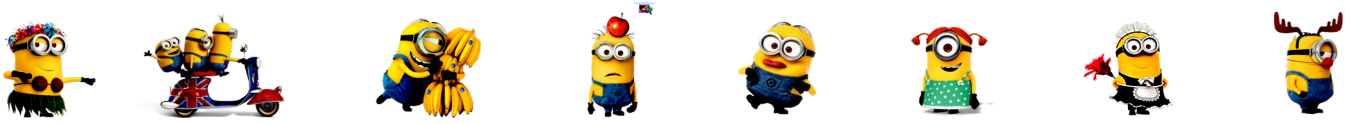
No caminho de volta para casa, Fiorella decidiu esperar Giullia para conversarem. Enquanto aguardava, pensou se Paolo não teria um amigo que ela pudesse conhecer. Nesses pensamentos, Giullia apareceu ao seu lado, perguntando o que Fiorella estava fazendo ali. Fiorella respondeu que a seguira para descobrir o que ela estava escondendo. Giullia, então, sentou-se em uma pedra ao lado dela e começou a conversar.



Depois de um bom tempo conversando, elas voltaram para casa. Ao chegarem, entraram em silêncio, pois os pais de Giullia não sabiam que ela havia saído. Correram para o quarto, onde Giullia contou todos os detalhes do encontro com Paolo. Nesse momento, o pai de Giullia entrou no quarto, perguntando onde elas estavam. Fiorella, nervosa, respondeu que tinham ido passear pela praça. Ele aceitou a desculpa e saiu, e as duas voltaram a conversar.

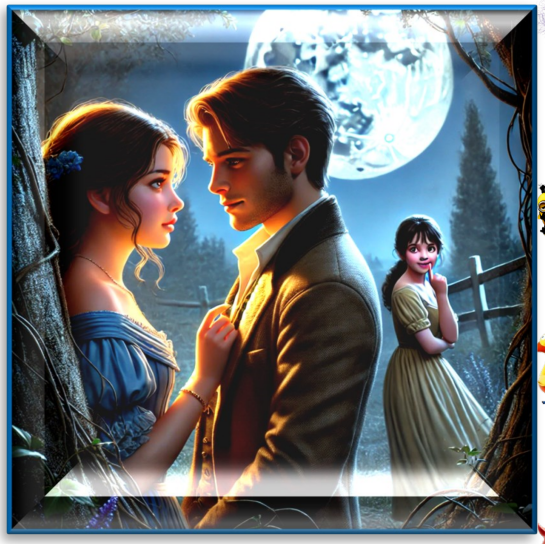


Fiorella percebeu que a amiga estava muito feliz, mas sabia que os clãs de vampiros e lobisomens não se davam bem. Mesmo assim, estava disposta a dar todo o apoio que Giullia precisasse. Estava contente por ver sua amiga alegre, mas tinha consciência de que o relacionamento talvez não durasse muito, pois Giullia, sendo muito bonita e uma "colecionadora" de na-



morados, não costumava pensar muito no futuro de seus relacionamentos.

Com o passar do tempo, Fiorella começou a pressionar Giullia para falar logo com Paolo e resolver se ele realmente queria ficar com ela ou não. Fiorella acabou convencendo Giullia a ter uma conversa séria com ele. No mesmo dia, marcaram um encontro à noite. Quando Giullia chegou ao restaurante, Paolo já a aguardava. Ela se aproximou, sentou-se ao lado dele, e começaram a conversar. Depois de um tempo, Paolo percebeu que Giullia estava muito nervosa e perguntou o que estava acontecendo.



Giullia então começou a dizer que gostava muito dele e perguntou se ele sentia o mesmo por ela. No momento em que Paolo ia responder, uma mulher se aproximou da mesa e o chamou de "meu amor". Giullia, tomada pelo ciúme, perguntou quem era a moça. Paolo respondeu que era sua ex-namorada, mas a mulher o corrigiu, dizendo que ainda era sua namorada. Paolo insistiu que ela era ex-namorada e explicou que tinha terminado com ela para ficar com Giullia.



Ao ouvir isso, a mulher ficou furiosa e pegou uma garrafa de vinho que estava sobre a mesa. Paolo, com medo de que algo acontecesse com Giul-

lia, segurou a mão dela e os dois saíram correndo para o estacionamento do restaurante. Entraram no carro de Paolo, um Fusca vermelho, mas, na saída, outras garotas apareceram, alegando também serem namoradas dele. Essas garotas entraram em seus carros, tentando impedir que ele fugisse com Giullia.

Giullia ligou para Fiorella, explicando que estava fugindo com Paolo e que precisavam encontrá-la na saída da cidade, pois estavam sendo perseguidos por uma multidão de garotas. Durante a perseguição, as garotas começaram a arremessar objetos pontiagudos, tentando furar o pneu do Fusca e fazer o carro parar, mas não conseguiram. Mais à frente, Paolo avistou uma ponte levadiça chamada “Digli Scalz”, que estava começando a se abrir. Ele acelerou e conseguiu atravessar, deixando as garotas para trás. Quando o Fusca aterrissou, acabou virando um conversível, amassado por cima e por baixo.



Fiorella já estava esperando do outro lado da ponte. Assim que os alcançou, entrou no carro, e eles seguiram viagem rumo à Rússia, para uma casa bem afastada na zona rural, chamada “Izbá Russa”, localizada a 2.545 km de distância.

Após alguns dias dirigindo, parando apenas para abastecer e se alimentar, tudo parecia estar indo bem. No entanto, ao passarem pela Hungria, foram avistados, e, como estavam sendo procurados, logo chegou uma notificação de que tinham sido vistos na fronteira entre a Hungria e a Ucrânia. Quando chegaram a Neópolis, na saída da cidade, todas as mulheres que afirmavam ser namoradas de Paolo estavam lá, fazendo uma barricada para impedi-los de seguir adiante.

As mulheres formaram uma barricada para impedir que eles passassem. Quando Paolo, Giullia e Fiorella chegaram, avistaram várias delas paradas, bem arrumadas, com saltos altos, bolsas de marca, roupas extremamente curtas e maquiagem extravagante. Ao ver todas aquelas garotas, Paolo começou a babar, e Giullia, ao notar, rapidamente cobriu os olhos dele com uma mão e, com a outra, puxou o volante, dirigindo o carro para dentro de um vasto milharal.

Assim que entraram no milharal, as mulheres começaram a correr atrás deles. Como não tinham mais como avançar com o carro, desceram e começaram a fugir a pé, com as garotas logo atrás. Fiorella pegou as bolsas que estavam espalhadas pelo caminho e começou a arremessar nas mulheres. Pelo caminho, também havia poças de lama, que Giullia usou para sujar as perseguidoras. Eles já estavam cansados e, ao perceberem que tinham uma boa vantagem, pararam para descansar. No entanto, as mulheres os alcançaram, e uma briga começou.

Fiorella se engajou em uma luta com algumas das garotas. Uma delas se jogou em cima de Giullia para atacá-la, mas Fiorella rapidamente pegou uma tora de madeira e acertou a cabeça da garota. Outra mulher, em retaliação, tirou o salto e o jogou em Fiorella, que, sendo muito dramática, caiu no chão chorando. As garotas, com medo de se meterem em mais confusões, decidiram sair correndo para evitar problemas maiores.



Preocupada, Giullia sugeriu que fosse na frente para verificar o caminho e evitar que fossem mortos, prometendo informar os

amigos assim que o trajeto estivesse seguro. Fiorella concordou, assegurando que cuidaria de Paolo. Assim que Giullia se afastou, Fiorella começou a dizer que sua perna estava doendo e que não conseguia andar. Ela pediu para Paolo carregá-la, e ele, como um cavalheiro, aceitou. Carregando Fiorella no colo, ela começou a usar seu charme, elogiando os músculos dele e se aproximando cada vez mais. Fiorella acabou beijando Paolo, e ele cedeu à tentação.



Enquanto isso, Giullia, já no local onde eles deveriam ficar por um tempo, ligou para Fiorella. Como a amiga não atendeu, ela resolveu ligar para Paolo. Ele atendeu com a voz ofegante e disse que o caminho ainda estava perigoso e que precisariam de mais alguns dias antes de seguirem. Por confiar em Fiorella, Giullia aceitou a explicação.



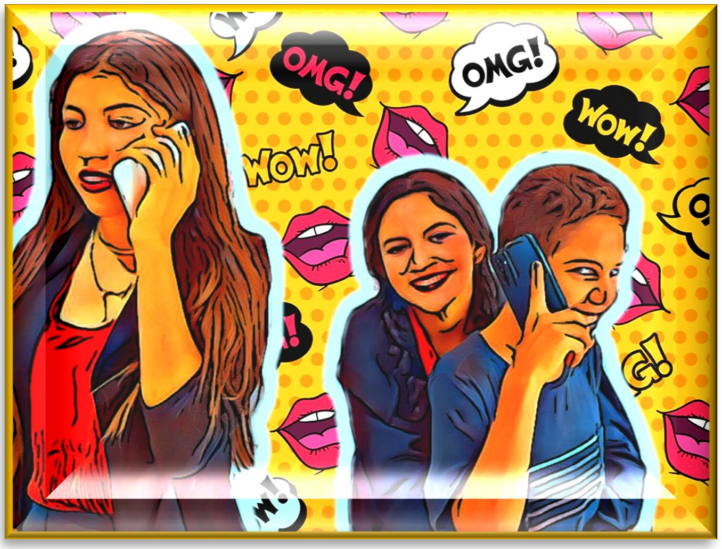
Depois de alguns dias, Fiorella e Paolo finalmente chegaram. Quando Giullia os viu, percebeu que havia algo estranho entre eles. Sentindo-se arrasada, ela decidiu que não suportaria ver Paolo com outra pessoa. Então, resolveu ir para o sol, achando que isso acabaria com sua vida. Fiorella a encontrou e perguntou o que estava fazendo. Giullia respondeu que ia se matar, pois não aguentava a ideia de Paolo com outra pessoa.



Fiorella então lembrou que vampiros não morrem ao sol, e Giullia, um tanto envergonhada, disse: “Ah, é mesmo...”

Fiorella então fez uma proposta: que as duas dividissem Paolo, já que também estava gostando dele. Giullia aceitou, pensando que era melhor compartilhá-lo com uma amiga do que com uma estranha.

Os três, então, decidiram se mudar para Yakutsk, uma cidade na Sibéria, na Rússia. Escolheram uma propriedade rural afastada da cidade. Por ser uma região muito fria e de difícil acesso, estariam mais protegidos de olhares curiosos. Durante o inverno, a neve era tão densa que se tornava quase impossível dirigir em algumas áreas. Logo, seria necessário arranjar um snow quad para conseguir chegar à casa que haviam comprado.



Com a chegada do inverno rigoroso, a casa em Yakutsk logo se transformou em um refúgio quase impenetrável. A vida dos três foi ganhando uma rotina peculiar e engraçada: Paolo, sempre musculoso e disposto, tentava manter o calor na casa, cortando lenha (mesmo que os vampiros não sentissem frio), enquanto Giullia e Fiorella alternavam entre pequenas disputas e momentos de cumplicidade na cozinha improvisada.

Certa noite, ao redor da lareira, Fiorella sugeriu um brinde ao "amor eterno e compartilhado". Giullia, rindo, levantou uma taça de vinho com ironia: “Amor eterno com uma amiga é melhor do que uma eternidade de brigas com uma estranha.” Paolo, meio perdido entre as duas, apenas sorriu e brindou com elas, tentando não se meter na conversa.

Tudo parecia em harmonia, até que uma carta inesperada chegou pelo correio, enviada por um dos clãs de vampiros, alertando sobre novos caçadores de demônios que estavam se espalhando pela Rússia. A carta terminava com um aviso cômico: "Compartilhar um lobisomem é arriscado... Cuidado com os ciúmes na eternidade!"

Após ler a carta, o trio começou a fazer planos para uma nova aventura. Agora, decididos a se proteger, não apenas de caçadores, mas também das investidas de outras criaturas e dos possíveis ciúmes que poderiam surgir entre eles, decidiram que a vida seria muito mais divertida em constante movimento.



E assim, na manhã seguinte, embarcaram em um trenó, com Paolo puxando como "cachorro guia", enquanto Giullia e Fiorella discutiam para onde iriam depois. Entre gargalhadas e planos mirabolantes, os três desapareceram na neve, prontos para encarar as próximas aventuras juntos – eternamente unidos e eternamente divertidos.

AS DA JUSTIÇA

Adrielli Sousa, Bianca Sousa, Eduardo Catucá, Eloá Pimentel, Guilherme Sousa, Isabella Sousa, Isadora Soares, Kelvis Santos, Luan Nascimento, Lucas Bandeira, Luís Gabriel Rocha, Maria Eduarda Catucá, Paulo André Catucá, Railson Silva & Yasmin Sousa











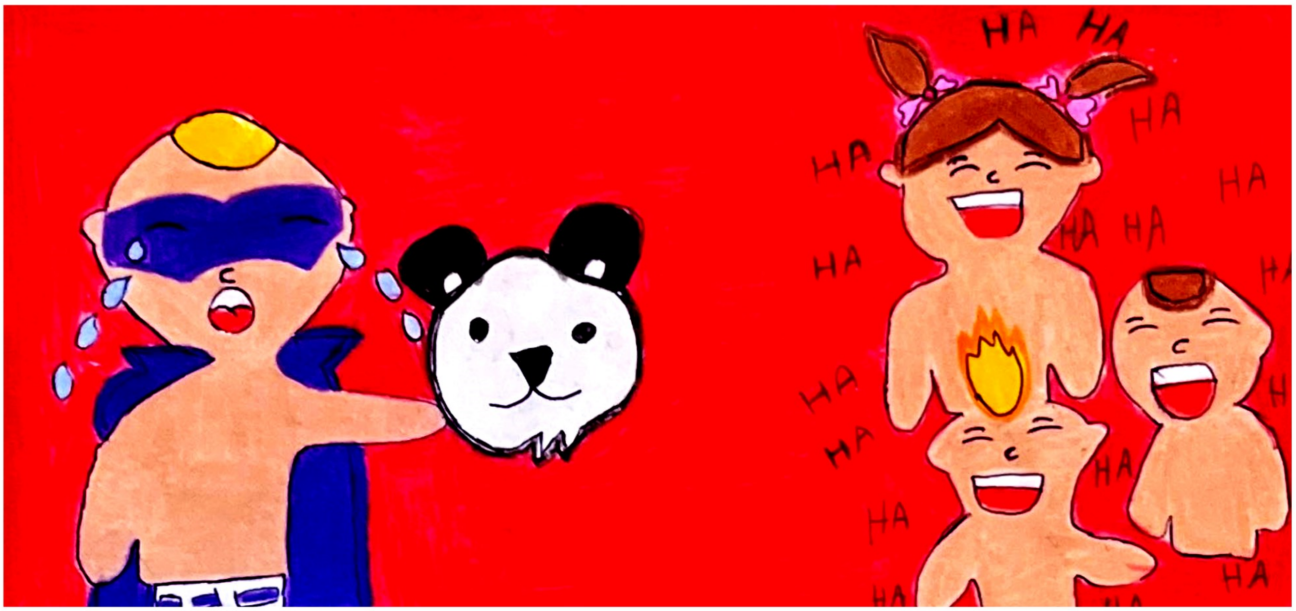


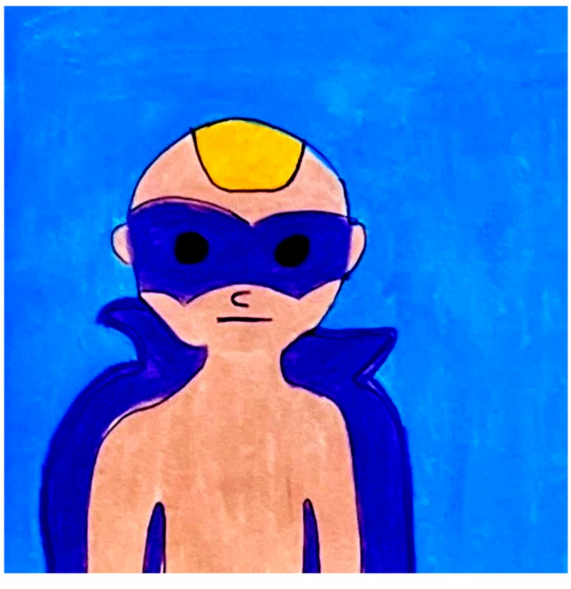





OPS!!! FIZ MERDA

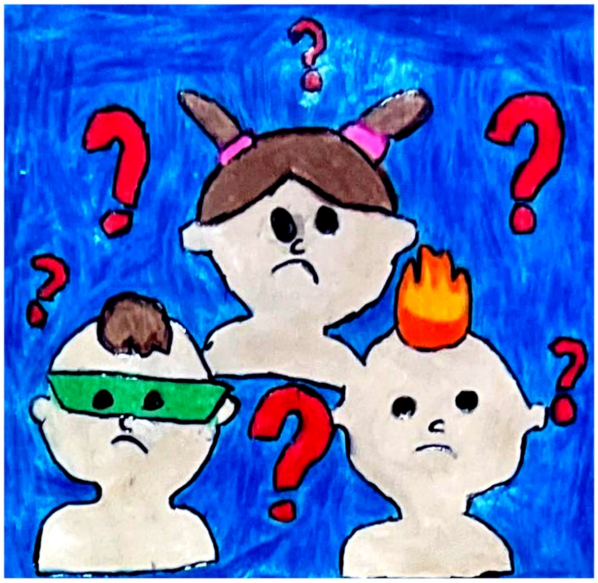

NÃO FUI EU ...


HA HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA
HA

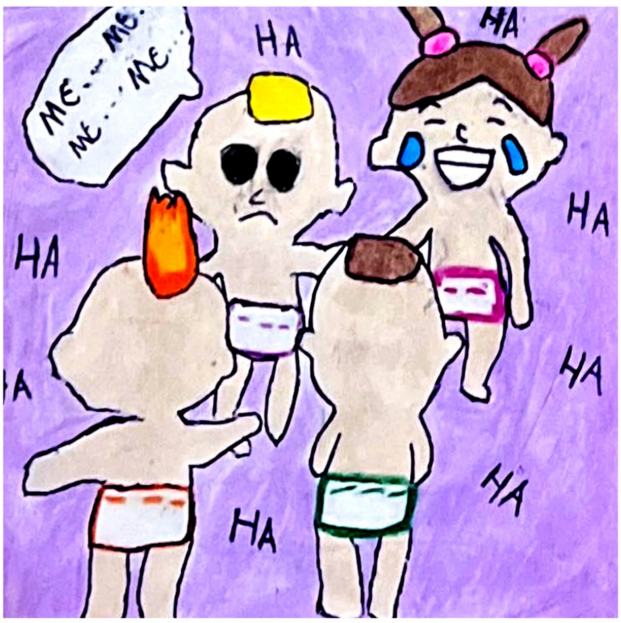



EI!!!
BOM DIA
TOCA AQUI


VEM PRA CÁ, AMIGO.

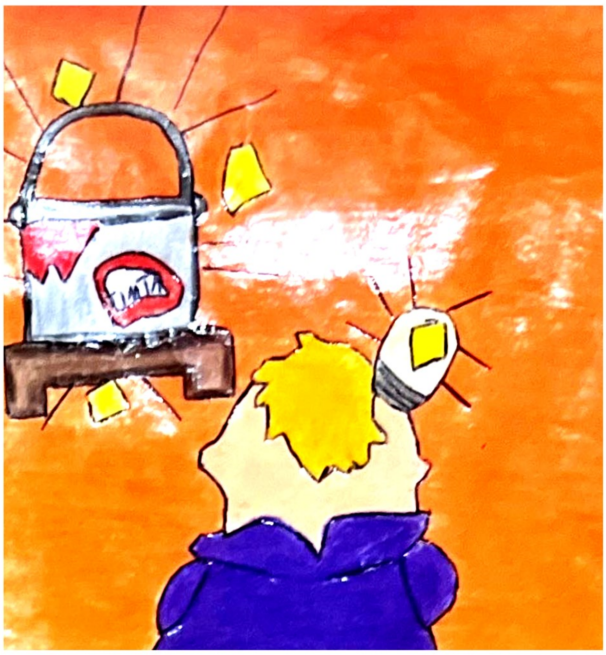



QUANDO ACABAR A AULA NOS CONVERSAR COM ELE OK?


ME... ME... ME...
HA
HA
HA
HA
HA
HA


ELES VAO ME PAGAR!!





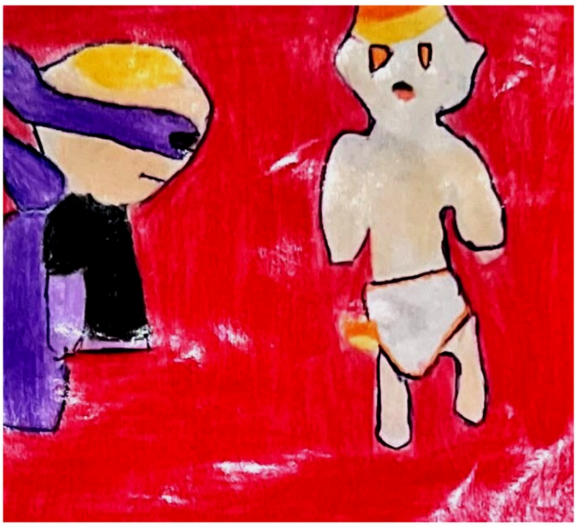




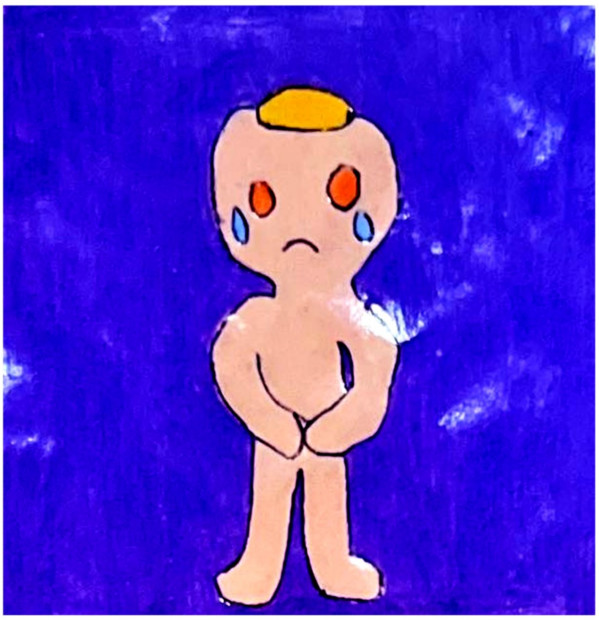

SPLE
ch
V
D







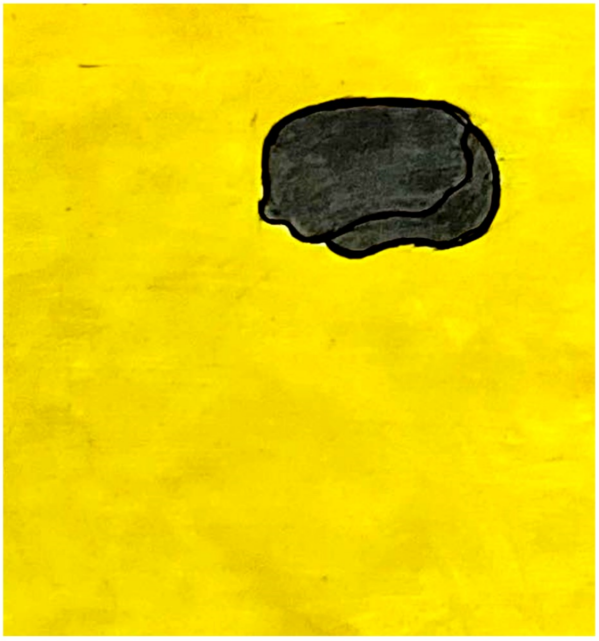

OLHA LÁ
ELE ESTA
SEM
ROUPA











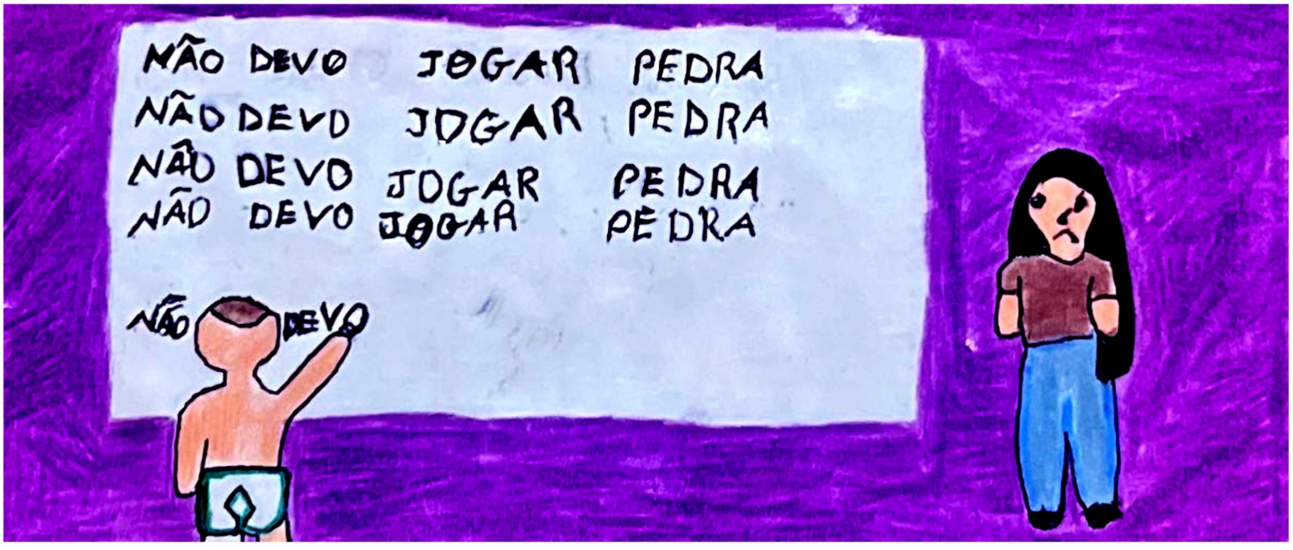




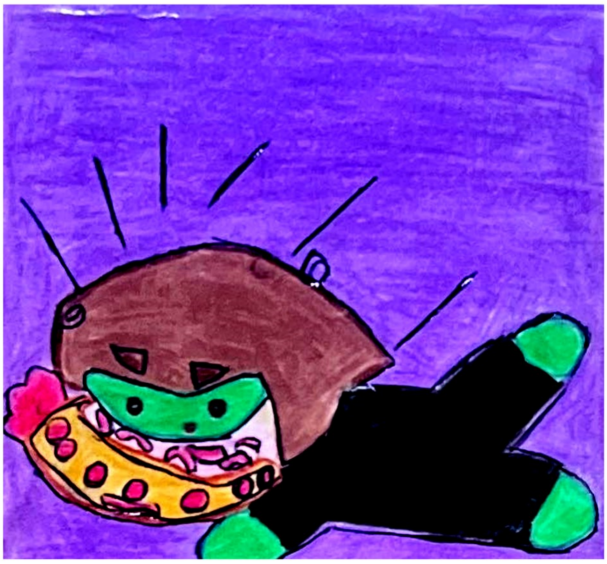







NÃO DEVO JOGAR PEDRA
NÃO DEVO JOGAR PEDRA
NÃO DEVO JOGAR PEDRA
NÃO DEVO JOGAR PEDRA
NÃO DEVO

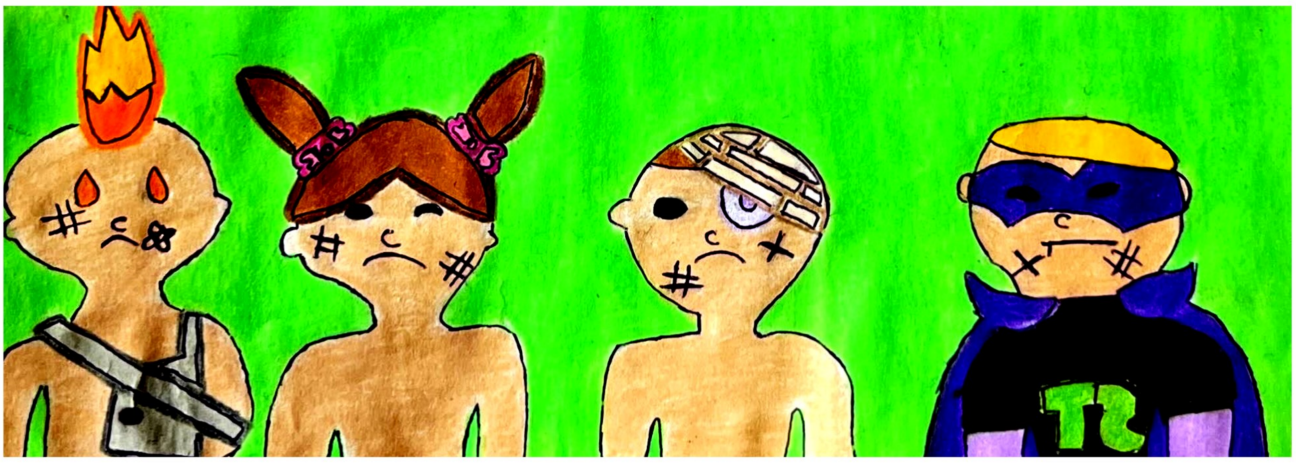


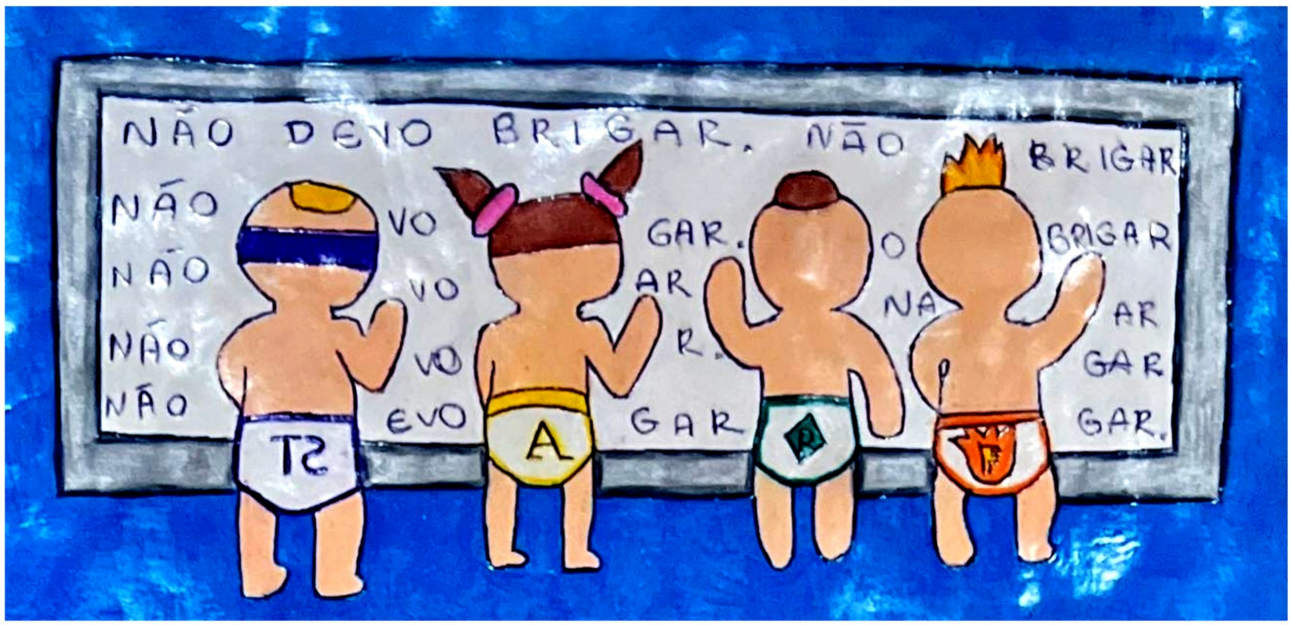






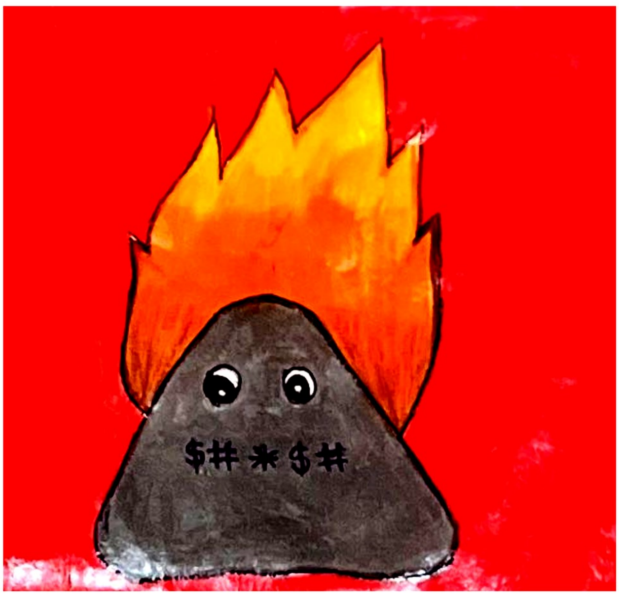

POOF!
O QUE EU FIZ...
PAF!
AI!
POOF!
TAGE FE!
CATI RIPAPO!




NÃO DEVO BRIGAR. NÃO BRIGAR
NÃO VO GAR. O BRIGAR
NÃO VO AR NA AR
NÃO VO R. GAR
NÃO EVO GAR GAR.

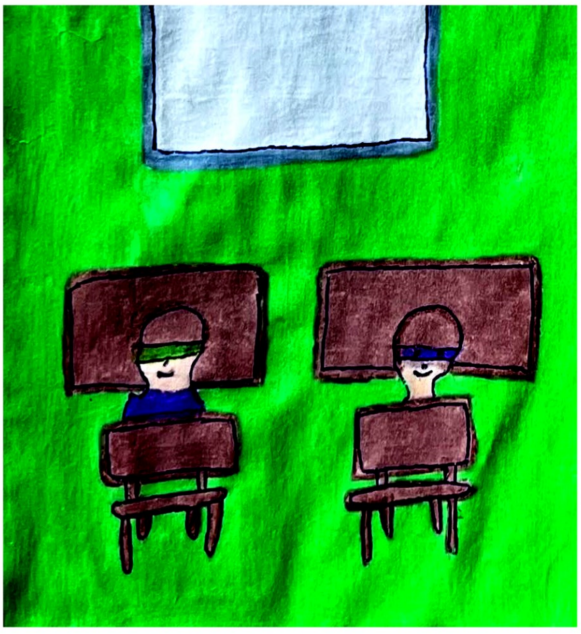

VO AR. VO GAR.
AR. EVO
AR EV
VO BRIGAR.
VO GAR. VO BRIGAR.

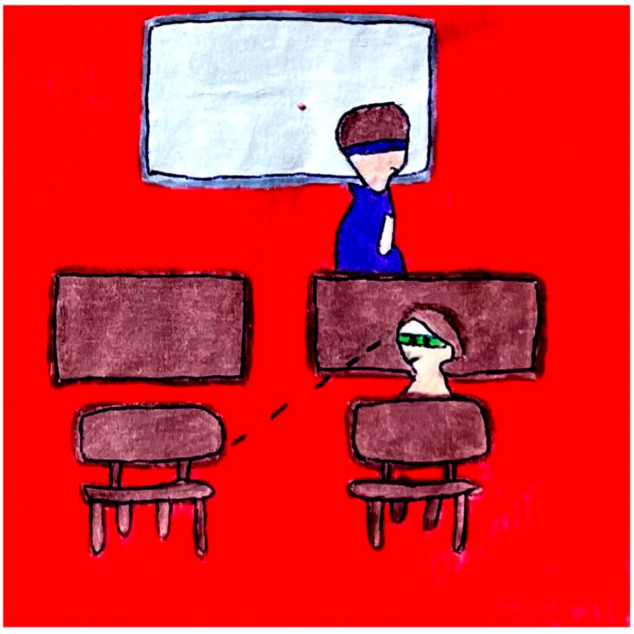



$#*$#





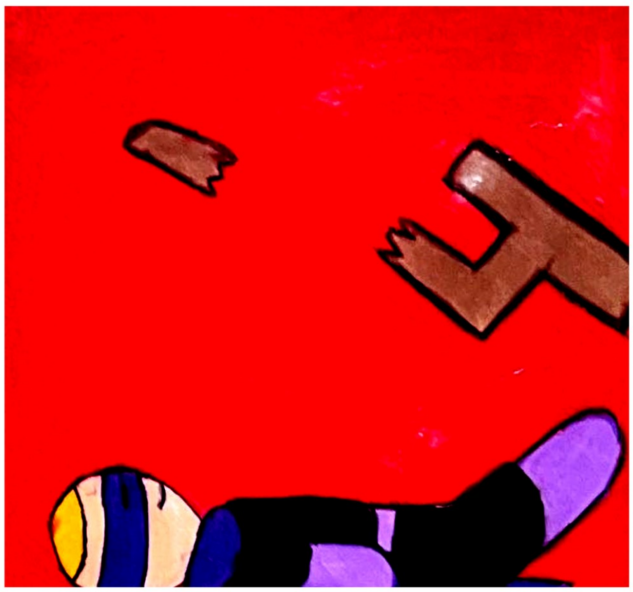




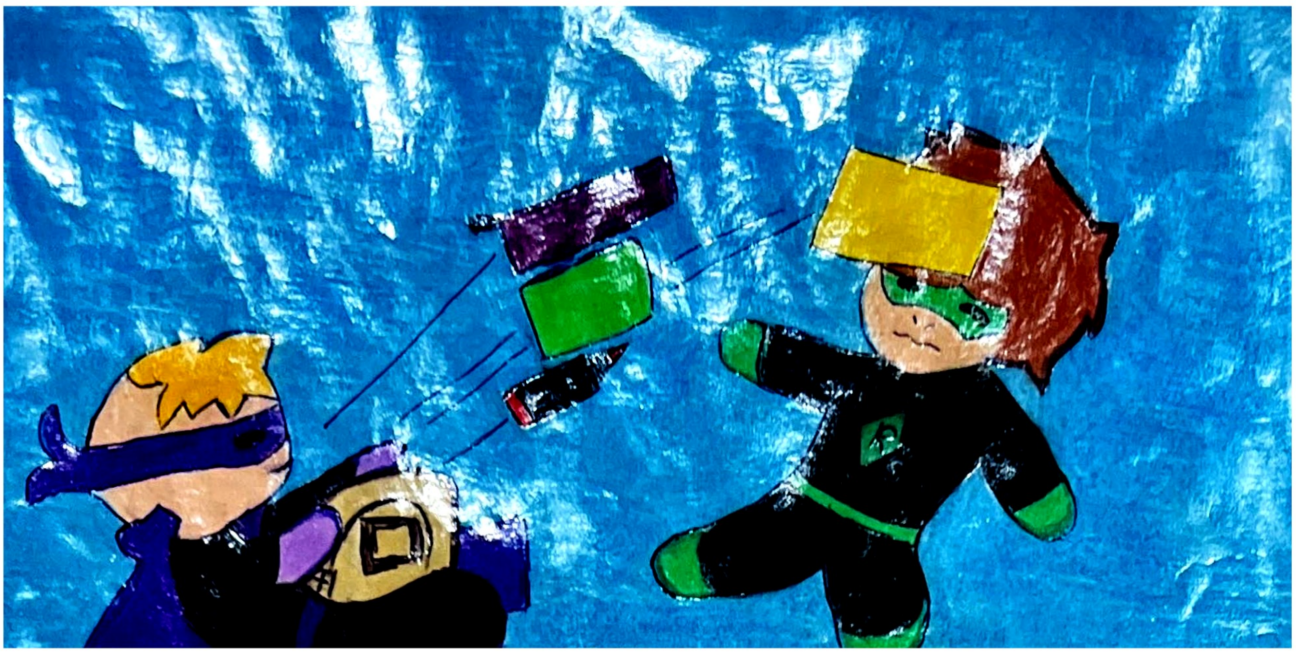

VOU LEVANTAR...


LALARI LALARI









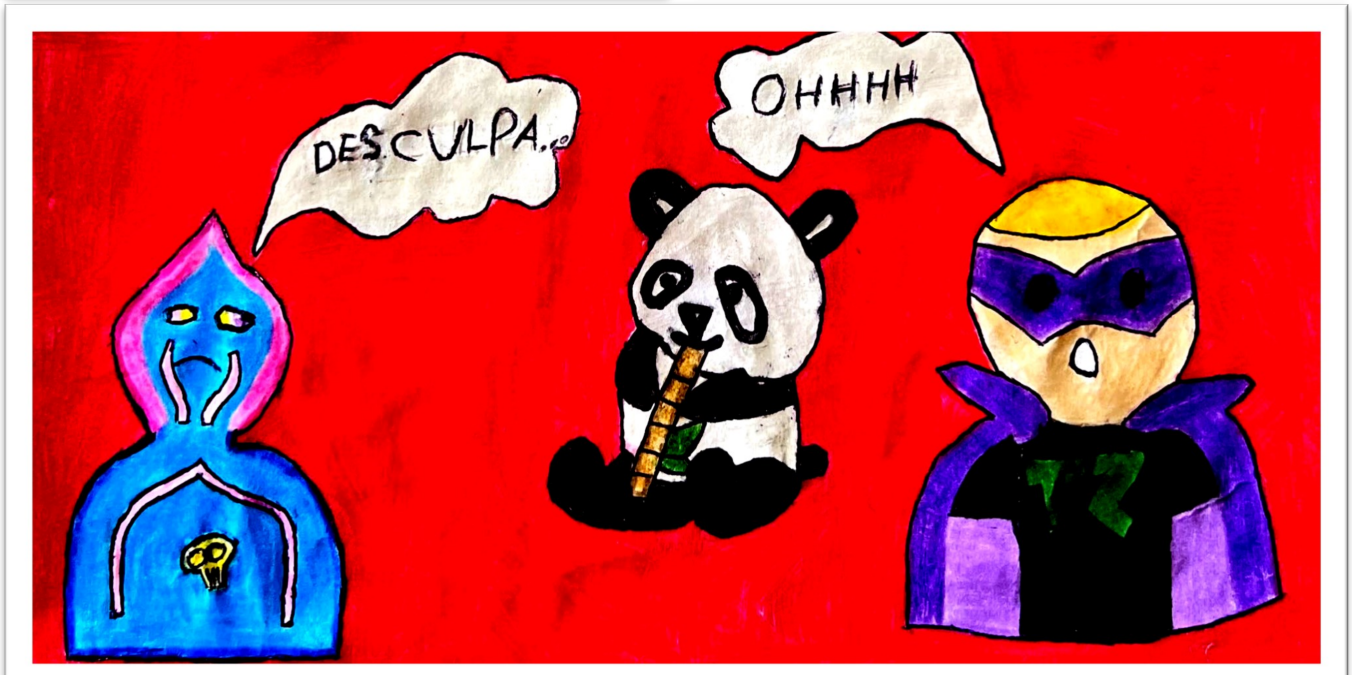

NAO POSSO BRIGAR

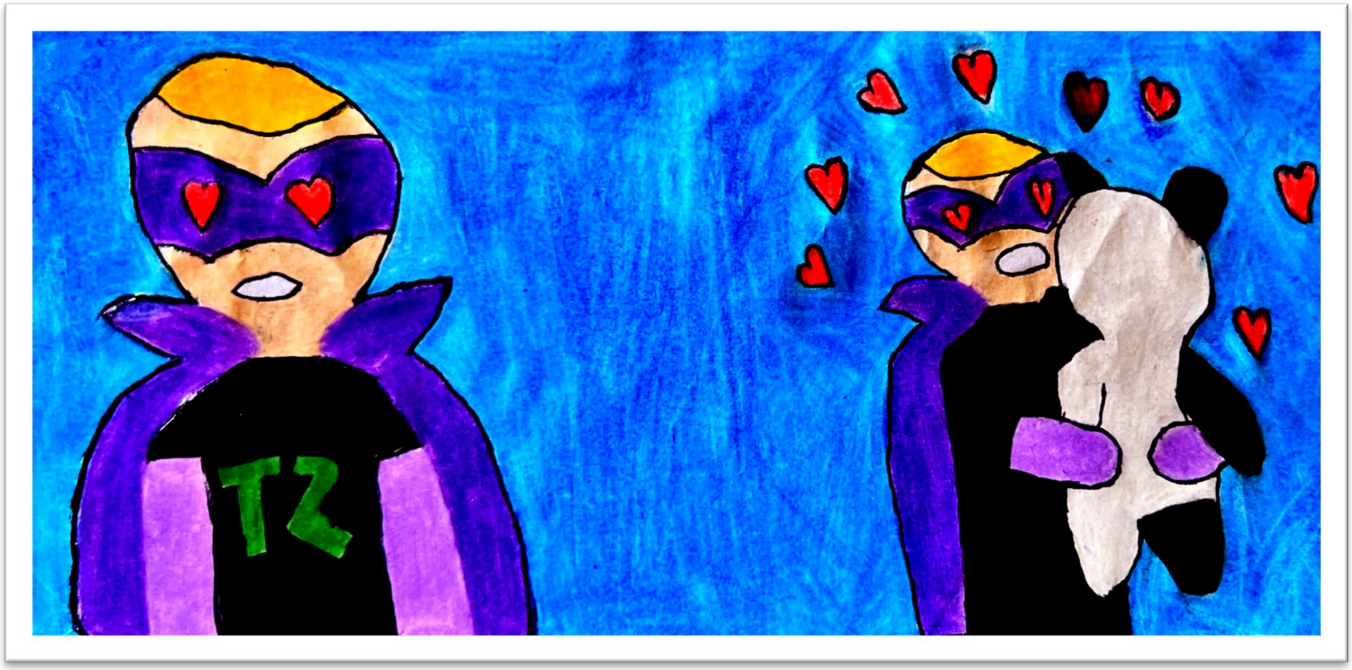

ISSO
JÁ FOI
LONGE
DEMAIS...




S*H@D*


O QUE PODEMOS FAZER PARA CONSERTARMOS ISSO???


DESCULPA...
OHHHH
TZ


TZ






Maria Eduarda Catucá